

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS**

Departamento de Educação Física

ALEXANDRE SEITI TOSHIOKA

**ENSINO DE LUTAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DO  
CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

BAURU

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS**  
Departamento de Educação Física

ALEXANDRE SEITI TOSHIOKA

**ENSINO DE LUTAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DO  
CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para a Conclusão do  
Curso de Licenciatura em Educação Física da  
Faculdade de Ciências – UNESP Campus Bauru  
sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Betti

BAURU

2015

ALEXANDRE SEITI TOSHIOKA

**ENSINO DE LUTAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DO  
CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
a Faculdade de Ciências - Campus de Bauru,  
da Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, para obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Mauro Betti (orientador)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gomes da Silva

Prof. Me. Marcos Roberto So

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

À minha mãe Dionis, que apesar da ausência e da saudade que deixou, continua sendo minha maior fonte de inspiração para vida.

Agradeço a minha família pelo carinho e apoio incondicional, em especial ao meu pai José Seiti pelo exemplo de pessoa íntegra, trabalhadora e dedicada a qual me espelho diariamente,

À minha irmã Alessandra Mayumi, por todo suporte, compreensão e por sempre me motivar a seguir em frente.

À minha namorada Maria Eduarda, por todo amor, compreensão, companheirismo e por ser minha luz nos momentos mais difíceis e de dúvidas.

Ao Prof. Dr. Mauro Betti por toda dedicação, esforço e compreensão oferecidos durante o percurso deste trabalho, e por todos os saberes compartilhados nesse tempo de convivência.

À querida amiga Jamile, por todo apoio, conversas, risos e pela grande amizade que construímos.

Aos amigos de curso. Em especial, o Leandro, Jonathan, Astor e Andressa. Pelo companheirismo, discussões e risadas nessa jornada.

Aos membros da banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Gomes da Silva e Prof. Me. Marcos Roberto So pela avaliação do meu trabalho. Em especial, ao Marcos pelo apoio técnico e acadêmico durante a execução desta pesquisa.

À todos os professores e professoras que passaram pela minha vida e de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento e conhecimento para Educação.

Aos professores que participaram desta pesquisa e contribuíram para que este trabalho acontecesse.

## RESUMO

O atual cenário do ensino da Educação Física no Brasil caracteriza-se como um complexo campo de conflitos, no qual emergem e embrenham-se diferentes proposições teórico-metodológicas, originadas desde meados da década de 1980 no processo histórico de emancipação, superação e ressignificação da Educação Física. Tais concepções, em contraposição ao criticado e tradicional ensino técnico-esportivista, propõe que na escola os conteúdos abordados deveriam propiciar a apropriação crítica e autônoma das diversas manifestações da Cultura de Movimento. Sendo assim, cabe analisar como os professores, autores e não meros aplicadores, lidam com mudanças curriculares. É primordial analisar criticamente as práticas pedagógicas dos professores que vivenciam e implementam tais mudanças curriculares. O objetivo desta pesquisa foi investigar como se caracteriza a relação saberes docentes-ensino de “lutas” entre professores da rede pública estadual de São Paulo, no cenário de implementação do currículo oficial de Educação Física. Foi realizado um estudo de natureza qualitativa; os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com professores e professoras atuantes na rede pública. Os resultados evidenciaram que o déficit na formação inicial dos professores, contribuiu para o trato pedagógico superficial do conteúdo “lutas” em suas aulas. Com isso, dificultando o desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo dos docentes, que atribuem sua principal fonte de conhecimentos sobre o tema a recortes oriundos da influência midiática e da proposição de atividades a partir do Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. Percebemos aqui, a importância da construção do conhecimento pedagógico do conteúdo, para o desenvolvimento da base de conhecimentos do educador. Acreditamos, conforme Shulman, que é de suma importância que o professor/a domine uma base de conhecimentos mínima, e necessária para que se possa propiciar conteúdos de ensinar e de aprender a seus alunos. Tal conclusão é mais um indicativo para necessidade de políticas públicas voltadas ao preparo dos professores/as, tanto a despeito da formação inicial, quanto da formação continuada, dos docentes que já atuam e, portanto, responsáveis por implementar reformas educacionais e curriculares nas escolas públicas da rede estadual de ensino. O CEF-SP contribuiu para ampliação do repertório das aulas de Educação Física, não apenas as lutas, mas sim de vários conteúdos contemplados pela cultura de movimento. Fato este, que não é significativo por si só, mas necessita da mediação de educadores bem preparados e capazes de espelhar tais objetivos na Educação Física escolar.

**Palavras-chaves:** lutas, saberes docentes, currículo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1.1 Ocurrículo de Educação Física do Estado de São Paulo:     fundamentos e concepções .....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 Os saberes profissionais dos docentes:     a perspectiva de L. S. Shulman .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 O problema de pesquisa .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1.1 Lutas e Educação Física escolar.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Questões investigadas.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 Objetivo .....</b>	<b>18</b>
<b>3 MÉTODO.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Sujeitos .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2 Procedimentos.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.1 Forma de análise dos dados.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.2 Procedimentos éticos.....</b>	<b>21</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 O sino de lutas e os saberes dos professores:     o papel da formação inicial .....</b>	<b>21</b>
<b>4.2 Professor que luta ou professor que não luta? .....</b>	<b>23</b>
<b>4.3 O CEF-SP e os saberes docentes:     a especificidade do conteúdo ensinado.....</b>	<b>24</b>
<b>4.4 Facilidades e dificuldades no ensino de lutas:     mídia e violência.....</b>	<b>25</b>
<b>4.5 A implementação do CEF-SP: a avaliação na ótica dos professores .....</b>	<b>27</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>28</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO A - ROTEIRO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O atual cenário da Educação Física escolar no Brasil caracteriza-se como um complexo campo de conflitos, no qual emergem e embrenham-se diferentes concepções teórico-metodológicas, originadas desde meados da década de 1980, como parte do processo histórico de emancipação, superação e ressignificação desta disciplina escolar, em oposição ao criticado e tradicional ensino técnico-esportivista, por sua vez, conduzido em grande parte pelo discurso midiático do esporte-espetáculo.

Em especial na década de 1990, novas proposições didático-pedagógicas apareceram na literatura especializada (por exemplo, BETTI, 1991; FREIRE, 1989 ; KUNZ, 1991,1994; SOARES et al., 1992), as quais refletiam a necessidade de promover grandes e imediatas transformações na Educação Física escolar, em especial a superação da gestualização estereotipada e mecânica de movimentos embasados na reprodução do esporte-espetáculo, em direção à formação do sujeito capaz de apropriar-se de modo crítico e emancipado das diferentes manifestações da cultura de movimento.

Tais apontamentos desdobraram-se nas décadas seguintes e até os dias atuais em incontáveis publicações e experiências pedagógicas concretas, articuladas em diferentes vertentes teórico-metodológicas, embora não necessariamente tenham alcançado em larga escala as aulas de Educação Física efetivamente ministradas nas escolas. Conforme afirma Bracht (1997), tais proposições buscaram estabelecer e identificar quais conteúdos e métodos de ensino poderiam ser contemplados na especificidade pedagógica da Educação Física.

O ponto de convergência foi a noção de "cultura", adjetivada como corporal, de movimento ou corporal de movimento, a qual tematiza determinadas atividades expressivas corporais, como os jogos, as danças, os esportes, as lutas e as ginásticas, produzidas na dinâmica cultural de nossa sociedade.

Alguns conceitos destas novas proposições teórico-metodológicos da Educação Física foram referenciados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998). Porém, como afirma Betti (2005), as mudanças sugeridas nos PCNs e naquelas proposições não ocorreram de modo efetivo, isto é, não afetaram em grande medida as práticas pedagógicas do ambiente da escola, o que

evidencia a necessidade de se prosseguir na busca de novos caminhos (teorizações, proposições metodológicas, estratégias de intervenção, modelos de formação profissional etc.) para produzir transformações significativas nas práticas pedagógicas da Educação Física.

### **1.1 O currículo de Educação Física do Estado de São Paulo: fundamentos e concepções**

Nesse pano de fundo, sobretudo desde o início do século XXI, diversos municípios e estados têm implementado currículos oficiais de Educação Física. Não foi diferente no Estado de São Paulo, que em 2008 concebeu e implementou a então “Proposta Curricular de Educação Física” nas escolas públicas estaduais, a partir do segundo ciclo do Ensino Fundamental até a conclusão do Ensino Médio. A partir de 2010, a proposta consolidou-se como “Currículo de Educação Física do Estado de São Paulo” (CEF-SP) e, em 2011, após revisão, apresentou-se uma segunda edição, a qual atualmente vigora como referência curricular para todas as escolas da rede pública estadual.

O CEF-SP aponta uma compreensão geral da Educação Física, a qual tem como referência a proposição crítico-emancipatória de Kunz (1994), que se pauta na cultura de movimento e no “Se-Movimentar” como conceitos principais.

O conceito de “Se-Movimentar” é explicitado da seguinte forma:

[...] expressão individual ou grupal no âmbito de uma cultura de movimento; é a relação que o sujeito estabelece com essa cultura a partir de seu repertório (informações/conhecimentos, movimentos, condutas etc.), de sua história de vida, de suas vinculações socioculturais e de seus desejos (SÃO PAULO, 2011, p. 225).

Já por cultura de movimento entende-se:

o conjunto de significados/sentidos, símbolos e códigos que se produzem e re-produzem dinamicamente nos jogos, esportes, danças e atividades rítmicas, lutas, ginásticas etc., os quais influenciam, delimitam, dinamizam e/ou cons-trangem o Se Movimentar dos sujeitos, base de nosso diálogo expressivo com o mundo e com os outros. (SÃO PAULO, 2011, p. 43).

Desse modo, o CEF-SP pretende levar aos alunos, durante e após a escolarização, a oportunidades mais qualificadas (no sentido de ampliação, aprofundamento e crítica) de participação e usufruto na cultura de movimento, bem

como “a possibilidades concretas de intervenção e transformação desse patrimônio humano relacionado à dimensão corporal e ao movimentar-se” (SÃO PAULO, 2011, p. 225).

Partindo dessas premissas e finalidades, o CEF-SP propõe conteúdos ao longo dos anos e níveis de ensino, em uma escala progressiva de complexidade em relação à apropriação das “competências e habilidades” sugeridas, de tal modo que se permita avançar no processo de contextualização e fundamentação dos eixos de conteúdo propostos (jogo, esporte, luta, ginástica e atividade rítmica), no intuito de propiciar aos alunos uma reflexão a partir das suas próprias experiências do Se-Movimentar, que leva em conta tanto dimensões biológicas, quanto sociais e históricas (SÃO PAULO, 2011).

Com isso, espera-se que os alunos, ao atingirem o 9º ano do Ensino Fundamental já tenha vivenciado uma gama de experiências do Se-Movimentar possibilitadas pela cultura de movimento, em jogos, esportes, ginásticas, lutas, atividades rítmicas, exercícios físicos etc., oriundas não só das aulas de Educação Física, mas também da interação com a mídia e com grupos socioculturais aos quais pertencem.

Já no Ensino Médio, ressaltam-se novamente o Se-Movimentar e os eixos de conteúdo, porém, como elementos que se inter-relacionam com eixos temáticos atuais e relevantes na sociedade, tais como: corpo, saúde e beleza; contemporaneidade; mídias; lazer e trabalho. O objetivo desta “rede de inter-relações” é possibilitar uma pluralidade de abordagens no desenvolvimento do conteúdo, pois um mesmo eixo de conteúdo pode ser tratado com diferentes enfoques ao longo das séries do Ensino Médio, em vista da articulação com os eixos temáticos propostos (SÃO PAULO, 2011).

## **1.2 Os saberes profissionais dos docentes: a perspectiva de L. S. Shulman**

No final de 1980, na América do Norte, diversos estudos foram empreendidos a fim de sistematizar e compreender a mobilização dos “saberes docentes”, pesquisas estas que pretendiam levar a cabo reformas educacionais na formação inicial de professores da educação básica, a partir da convicção de que existiria uma “base de conhecimentos”, e que a mesma seria capaz de estruturar e orientar as práticas de formação do professor. Tais ideias posteriormente

influenciaram também a Europa, bem como diferentes países de cultura anglo-saxônica, e, por fim a América Latina (ALMEIDA; BIAJONE, 2007).

O termo *knowledge base* ou “base de conhecimentos”, como encontrado em tradução livre na literatura pedagógica, resume a gama de conhecimentos que o professor deve possuir para lecionar, ou melhor explicitado na fala de Mizukami (2004, p. 4):

consiste de um corpo de compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessários para que o professor possa propiciar processos de ensinar e de aprender, em diferentes áreas de conhecimento, níveis, contextos e modalidades de ensino. [...]. É mais limitada em cursos de formação inicial, e se torna mais aprofundada, diversificada e flexível a partir da experiência profissional refletida e objetivada.

Shulman (1986) figura como um dos principais autores dessa linha de investigação, ao retomar a questão do conhecimento que os professores possuem do conteúdo da sua disciplina específica, e de que modo os transformam para o ensino. Com isso, questiona a perspectiva que segrega conteúdos de ensino e conteúdo pedagógico, e que tem conduzido pesquisadores e docentes a enfatizar apenas características de cunho psicológico e/ou metodológico, ignorando a ligação orgânica com o conhecimento de referência. Esse é o “ponto cego” que, o autor considera como o “paradigma ausente” (SHULMAN, 1986 *apud* MONTEIRO, 2003).

Quando centraliza o foco no professor e em seus saberes, L. S. Shulman, conforme apropriação de Almeida e Biajone (2007), aponta três categorias de conhecimento que compõem o desenvolvimento cognitivo do docente para o ensino:

a) *Subject knowledge matter* (conhecimento específico do conteúdo). Corresponde ao modo como o professor organiza cognitivamente o conhecimento da matéria e, não apenas detém os dados brutos da disciplina, mas compreende sua estrutura e sua validade epistemológica em todas dimensões conceituais que se aplicam ao ensino. O autor propõe esta como a primeira fonte da “base de conhecimentos”.

b) *Pedagogical knowledge matter* (conhecimento pedagógico do conteúdo), Refere-se a maneira como o conteúdo é apresentado aos alunos, ou seja, como a matéria, transformada por meio de explicações, analogias, demonstrações e ilustrações, é apresentada pelo docente. Com isso, Shulman

considera que o conhecimento pedagógico do conteúdo advém tanto de pesquisas como da prática docente em si.

c) *Curricular knowledge* (conhecimento curricular). Representa o conhecimento que o professor possui sobre o conjunto de programas estruturados para cada nível específico de ensino, bem como assuntos e tópicos que elencam um currículo pertinente à sua especialidade disciplinar e, também a livros didáticos e/ou instrucionais condizentes com tais programas. Nesse ponto, Shulman faz uma analogia com a medicina, no sentido de que os professores necessitam dominar o conhecimento curricular para ensinar seus alunos do mesmo modo que é primordial para um médico conhecer os medicamentos à sua disposição para receitá-los.

Nesse sentido, Mizukami (2004, p.7), apoiada nos referenciais teóricos de Shulman (1986; 1987), argumenta que “todo ensino parte inicialmente de uma compreensão: de propósitos, de estruturas da área de conhecimento, de ideias relacionadas a essa área”. Com isso, a autora sob os mesmos referenciais, ainda argumenta que grande parte das pesquisas existentes subjugam e não investigam uma característica essencial da vida da sala de aula, qual seja, o conteúdo específico da disciplina que os professores ensinam, bem como de que modo tal conteúdo específico é transformado por construções pessoais e, também, como se relaciona com os conhecimentos do professor que a leciona.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO**

### **2.1 O Problema de Pesquisa**

Na literatura especializada sobre o trabalho e saberes docentes (por exemplo, CONTRERAS, 2002; PIMENTA, 2000), há muitas denúncias da distância entre o dia-a-dia escolar e as propostas curriculares, uma vez que esta relação é permeada por uma lógica hierárquica e dual entre “elaboradores” e “aplicadores”. Aos docentes universitários e pós-graduandos caberiam a elaboração de teorias pedagógicas, de currículos, de orientações e pesquisas face a rotina escolar; e sobre eles pesa a acusação de elaborarem ideologias de difícil implementação pelos professores, já que, muitas vezes, apresentam uma visão emulativa sobre o cotidiano escolar. Desse modo, restaria aos professores escolares a mera função de

aplicar conhecimentos elaborados pelos acadêmicos, e, assim, submeterem-se à hierarquia do currículo, do Estado, etc.

Corroborando com essa ideia, e avaliando epistemologicamente a prática docente, Monteiro (2001) aponta que o professor tem sido visto apenas como mero instrumento na transmissão do conhecimento, conhecimento esse que outrora foi construído por meio de pesquisas científicas elaboradas por acadêmicos pautados em um modelo diretivo “tradicional” que, absorto pelo paradigma da racionalidade técnica, volta-se ao desempenho escolar quantitativo. O professor então, é visto somente como sujeito habilitado à reprodução desse saber científico. Nesse sentido, o conhecimento seria “aprendido pelos alunos que, assim educados, e disciplinados, evoluiriam para uma vida melhor” (MONTEIRO, 2001, p.122). Pensamento simplista este, que ainda persiste na crença de muitos educadores, e acaba por descaracterizar os conhecimentos tácitos oriundos da prática, negando a subjetividade e singularidade de cada relação de ensino na qual se insere o professor e se constrói a identidade profissional docente.

Partindo desse diagnóstico, entendemos ser mais produtivo conceber os professores como autores e não meros aplicadores de propostas, e investigar como lidam com mudanças curriculares. É primordial analisar criticamente as práticas pedagógicas dos professores que vivenciam e implementam tais mudanças curriculares. Para tanto, nossa lente investigativa buscará compreender os processos de construção e manifestação dos saberes profissionais docentes nesse contexto.

Reformas educacionais, por mais bem intencionadas e qualificadas que sejam, fracassam se não levam em efetiva consideração o papel e a singularidade da intervenção docente para o êxito dos processos de ensino, cuja finalidade última é sempre propiciar uma aprendizagem de melhor qualidade para os alunos.

Ora, se o CEF-SP é um currículo comum a todas as escolas paulistas, cuja elaboração foi centralizada em especialistas acadêmicos, como pouca participação da comunidade escolar, será que tem de fato provocado transformações nas práticas pedagógicas da Educação Física? Como os conhecimentos específicos e os conhecimentos pedagógicos do conteúdo de cada professor, associado ao contexto singular de cada escolar está impactando a implementação do CEF-SP? Ou seja, como está se dando o papel docente de mediação/transformação dos conhecimentos?

Sob esse viés, então, apresenta-se a pertinência dos referenciais teóricos de L.S. Shulman, já que o CEF-SP enfatiza a aprendizagem de habilidades e competências relacionadas aos “eixos de conteúdos” propostos e, embora sugira diretrizes didático-pedagógica gerais, bem como atividades organizadas em “situações de aprendizagem”, subestimou as possíveis precariedades da formação inicial dos professores. Ou seja, será que o professor de Educação Física que atua nas escolas estaduais paulistas está preparado para atender às proposições de objetivos, conteúdos e métodos encontrados nos referenciais do atual (e relativamente recente) currículo? Como os professores irão mobilizar e/ou construir saberes pedagógicos para lidar com conteúdos que possivelmente não foram objeto da sua formação inicial, ou o foram com orientação didático-pedagógica diferentes?

Borges (2005) relata que na formação inicial de professores de Educação Física é indubitável que ainda residam vestígios de um ensino tradicional e reprodutor, que advém de um modelo técnico ou “aplicacionista”, amplamente criticado pelos especialistas acadêmicos e pelos próprios professores que atuam na educação básica. Em suma, dentre as críticas que os professores apresentam à sua formação inicial, é importante a afirmação de que, em face da realidade escolar que vivenciam, os saberes aprendidos na graduação são intransponíveis no cotidiano escolar. Portanto, desconsideram muito do que aprenderam, ou ao menos, parte da formação inicial não tem utilidade pedagógica real.

Nessa direção, Monteiro (2003, p.5) aponta que mais estudos devem ser empreendidos para entender melhor os processos dos programas de ensino, com “pesquisas em que as categorias de análise articulem referenciais do campo educacional com aqueles dos campos disciplinares envolvidos, e que reconheçam a especificidade dos saberes docentes”.

Dessa forma, podemos indagar se os saberes propostos nos cursos de licenciatura em Educação Física têm contribuído para as práticas pedagógicas dos professores nas escolas, e se os conhecimentos específicos dos conteúdos (como basquetebol ou ginástica) estão articulados com os conhecimentos pedagógicos dos conteúdos e conhecimentos curriculares.

A delimitação mais específica do problema de pesquisa será aqui inicialmente explicitada, a seguir, com a eleição de um dos eixos de conteúdo presentes no CEF-SP: a Luta, que contempla diversas manifestações: artes marciais, modalidades esportivas de combate e jogos de oposição.

### 2.1.1 Lutas e Educação Física escolar

Embora diversas proposições teórico-metodológicas da Educação Física desde meados da década de 1980 já tivessem apontado a necessidade do trato pedagógico do referido conteúdo, as lutas tiveram seu papel reconhecido e outorgado como conteúdo pedagógico a ser tratado na escola nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1998, p. 70).

Breda et al. (2010) conforme apropriação de Rufino e Darido (2013) relatam que através dos séculos as lutas foram ministradas com base na tradição, com caráter disciplinador e, devido a isso, mínimas mudanças ocorreram nos processos de ensino-aprendizagem. Entretanto, os autores creem que a pedagogia aliada à ciência têm fomentado positivamente o desenvolvimento das lutas, buscando enriquecê-las com a inserção dos conhecimentos da Educação Física, assim como enriquecer as aulas de Educação Física com os conhecimentos das lutas.

No CEF-SP os conteúdos de lutas abrangem tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio, conforme apresentado a seguir.

NÍVEL de ENSINO	ANO	BIMESTRE	TEMA	MODALIDADE SUGERIDA NO “CADERNO DO PROFESSOR”
Fundamental	7º	Quarto	Luta (princípios de esquivas, equilíbrio e desequilíbrio)	Judô
Fundamental	8º	Primeiro	Luta (sugere Judô, Caratê, <i>Tae kwon do</i> e boxe visando princípios técnicos, táticos, principais regras e processo histórico)	Karate
Fundamental	9º	Primeiro	Capoeira (como luta, jogo, esporte, princípios técnicos, táticos e processo	Capoeira

			histórico)	
Médio	1º	Quarto	Luta (princípios orientadores, regras e técnicas de uma luta ainda não conhecida pelos alunos)	Boxe
Médio	3º	Primeiro	Luta (sugere alguma modalidade já conhecida pelos alunos, por exemplo Capoeira, Caratê, Judô, <i>Tae kwon do</i> , Boxe ou outra)	Esgrima

É importante observar que, exceto a Capoeira, as outras modalidades aparecem como sugestão, e no material didático de apoio aos docentes (“Cadernos do Professor”), uma modalidade de luta é apresentada como exemplo, cabendo a escolha final ao projeto político-pedagógico da escola.

Apesar dos recentes avanços, Nascimento e Almeida (2007) apontam que o conteúdo de lutas é pouco contemplado nas aulas de Educação Física, o que inclui questões e preocupações sobre sua prática pedagógica por parte dos professores e, quando concretizadas no espaço escolar, deve-se à permissão da instituição para que terceiros realizem ações voluntárias ou não, o que descaracteriza o papel da Educação Física como disciplina. Assim, a luta tem sido um conteúdo esquecido na intervenção docente dos professores que atuam no ensino fundamental e médio. De acordo com Cazetto (2010, p.2), as danças, bem como as lutas, no que diz respeito a seu trato pedagógico foram “conteúdos renegados ao segundo plano historicamente, se restringindo à eventos festivos ou mesmo sendo negadas enquanto possibilidades educativas”.

Nesse sentido, Nascimento e Almeida (2007), ao apresentarem dados de pesquisas realizadas com professores de Educação Física, sugerem dois argumentos recorrentes que possivelmente são responsáveis pela escassez do trato pedagógico do conteúdo de lutas na escola: (i) a questão da violência, a qual seria supostamente intrínseca às lutas, o que tornaria a sua prática incompatível com as condições do ambiente escolar; e (ii) a falta de prática e de histórico de lutas tanto na vida pessoal, quanto na formação acadêmica por parte dos docentes.

Contudo, Olivier (2000, p. 11), no livro “Das Brigas aos Jogos com Regras”, ao propor um método de ensino que trata as lutas como “jogo”, apresenta outra interpretação com relação ao tema da violência: entende que a violência, em suas diversas formas, é “inerente as relações sociais” e um meio de comunicação e

expressão por parte dos alunos que tem origem nas interações sociais e na exposição à violência midiática, o que gera situações de conflito, estresse e incertezas, e este fenômeno não pode ser negado. Para o autor, os “jogos de luta” podem propiciar aos alunos uma “encenação da violência” em situações controladas, oportunizando confrontos sem práticas desleais ou que causem danos físicos ou psicológicos aos praticantes. Desse modo, permitem que as lutas sejam objeto de reflexão educativa, constituindo um importante instrumento pedagógico, aliado ao papel do professor como mediador.

Além disso, as lutas na escola não necessariamente objetivam a perspectiva do esporte-espetáculo, dado seu atual caráter polissêmico, que também se contrapõe à sua origem como instrumento de combate, transmitindo conceitos e valores culturais. Conforme afirmam Lage, Gonçalves Junior e Nagamine (2007, p.119) sua filosofia envolve “valores como dignidade, honra, trabalho, pacifismo, formação do caráter, persistência, humildade”, conceitos que devem estar presentes na sua prática.

Sobre a questão do histórico de prática de lutas por parte dos professores, Nascimento e Almeida (2007) afirmam que o educador não precisa “saber lutar” para tratar das lutas como conteúdo escolar, já que o propósito da escola não é formar atletas ou lutadores, mas enriquecer e ampliar o conhecimento produzido nas aulas de Educação Física.

Contudo, mesmo que não haja necessidade de ser um praticante de lutas, na medida em que a luta é conteúdo previsto no CEF-SP, é necessário que professor possua uma base de conhecimentos (específicos e pedagógicos), o qual deveria ter origem na sua formação inicial, em disciplinas que tratam do conteúdo de lutas. Contudo, Rufino e Darido (2013) relatam o quanto é comum encontrar cursos de Educação Física que graduam professores sem conhecimento específico algum sobre o conteúdo de lutas, ou contemplam apenas uma modalidade específica (como por exemplo, a capoeira ou o judô).

So e Betti (2012) em recentes estudos realizados com professores de Educação Física, incluindo tanto aqueles que possuíam vivência em lutas, como os que não tinham histórico pessoal de prática de lutas porém atuavam em escolas estaduais sob a orientação do CEF-SP. Os autores analisaram a tematização das lutas proposta pelo CEF-SP, com foco nos saberes profissionais do professor; mais especificamente, buscaram compreender como se desenvolve a construção do

conhecimento pedagógico do conteúdo, conforme definido por Shulman (1986). Desse modo, tais autores apontam que não é primordial que o professor possua habilidades específicas de lutas, o que poderia ser compensado por meio do saber-ensinar. Entretanto, tais autores constataram que a construção do conhecimento específico de lutas daqueles professores no caso dos professores sem histórico pessoal de vínculo com as lutas, acontecia previamente pelo contato com o “Caderno do Professor” do CEF-SP, e posteriormente investiram em pesquisas complementares por meio de outros meios, como a internet.

Tais constatações levantam a questão de uma possível insuficiência de informações e sugestões disponibilizadas no CEF-SP, o que indica que, de fato, há necessidade de os professores dominarem uma “base de conhecimentos”, para que a construção do conhecimento pedagógico do conteúdo possa ser exercitada com eficiência e autonomia. Contudo, conclui-se que não há necessidade do professor ser um treinador/lutador para ensinar o conteúdo “lutas” na escola, visto que objetivo da Educação Física é propiciar a vivência das diferentes manifestações da cultura de movimento aos alunos e não formar atletas (SO, 2010).

No Ensino Fundamental, o CEF-SP contempla, no eixo “luta”, os seguintes conteúdos: conceito de luta, jogos de luta, os princípios técnicos e táticos, principais regras e processo histórico de cada modalidade de luta. No Ensino Médio, acresce a este conteúdo a importância das técnicas e táticas no desempenho e na apreciação das lutas como espetáculo esportivo.

O CEF-SP também propõe, no Ensino Fundamental, o estabelecimento de inter-relações dos “eixos de conteúdo” (jogo, esporte, ginástica, luta e atividade rítmica) com os temas do gênero, violência, doping/anabolizantes, saúde e padrões de beleza corporal, os quais são aprofundados e sistematizados no Ensino Médio, em termos dos “eixos temáticos”: “Corpo, Saúde e Beleza”, “Contemporaneidade”, “Mídias”, e “Lazer e Trabalho”. Com isso, espera-se que os conhecimentos no âmbito da cultura de movimento sejam ampliados e as possibilidades e sentidos das experiências de Se-Movimentar sejam alargados de modo crítico e autônomo. No caso particular das lutas, propõe-se a inter-relação com os temas da violência e gênero.

## 2.2 Questões investigadas

No cenário da problematização apresentada, destacam-se as seguintes questões, que contemplam o foco desta investigação:

- Como se deu a constituição da base de conhecimentos específicos e pedagógicos sobre lutas na formação inicial de professores da rede estadual que desenvolvem este eixo de conteúdo do CEF-SP? Como avaliam este processo? Em que medida consideram que sua formação inicial contribuiu para tratarem das Lutas como conteúdo da Educação Física escolar?

- Identificam outras fontes (mídias, histórico pessoal de prática de lutas etc.) que contribuíram para a constituição da sua base de conhecimentos sobre lutas? Que importância atribuem a isso?

- Quais facilidades e dificuldades encontram para implementarem o eixo de conteúdos “Lutas” proposto no CEF-SP em suas respectivas escolas? Do ponto de vista didático-pedagógico têm realizado adaptações face ao proposto no CEF-SP com relação ao conteúdo “Lutas”?

- Como avaliam o material de apoio didático (“Caderno do Professor” e “Caderno do Aluno”) disponibilizado pelo CEF-SP? Em que medida tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas e para a construção de conhecimentos pedagógicos sobre as lutas?

- Como percebem o tema da “violência” na relação com o ensino de lutas na Educação Física escolar?

- Como percebem a influência das mídias no ensino de lutas na Educação Física escolar?

- Conseguem avaliar se, com a implementação do CEF-SP, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

## 2.3 Objetivo

O intuito maior desta pesquisa é compreender, no cenário de implementação do currículo oficial de Educação Física, como se caracteriza a relação saberes docentes-ensino de lutas entre professores da rede pública estadual de São Paulo,.

O objetivo específico foi analisar como os professores constituem e dinamizam seus saberes frente ao ensino do conteúdo de lutas proposto pelo CEF-SP, e indicar alguns fatores que estão envolvidos neste processo.

### 3 MÉTODO

Conforme aponta Alves-Mazzotti (1999), é necessário indicar como se planeja conduzir a investigação na tentativa de responder as questões enunciadas e atingir o objetivo proposto.

Trata-se esta de uma investigação de natureza qualitativa, cuja principal característica, conforme Alves-Mazzotti (1999) é que segue a tradição “compreensiva” ou interpretativa, quer dizer, partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. Daí decorrem as três características essenciais dos estudos qualitativos:

- Visão holística: a compreensão do significado de um comportamento ou evento só é possível em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto.

- Abordagem indutiva: o pesquisador parte de observações mais livres, e as dimensões e categorias de interesse emergem progressivamente durante os processos de coleta de análise de dados.

- Investigação naturalística: a intervenção do pesquisador no contexto observado é reduzida ao mínimo; não há manipulação de variáveis.

Ainda segundo Alves-Mazzotti (1999), as implicações dessas características para a pesquisa são: o próprio pesquisador é o principal “instrumento” de investigação; há a necessidade de contato direto e prolongado com o campo (de modo permitir a adequada captação dos significados dos comportamentos observados), e a natureza predominante dos dados é qualitativa.

Por dados qualitativos entende-se:

descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos observados; citações literais do que as pessoas falam sobre suas experiências, atitudes, crenças e pensamentos; trechos ou íntegras de documentos, correspondências, atas ou relatórios de casos (PATTON *apud* ALVES-MAZZOTTI, 1999, p. 132).

Nesta investigação nos valeremos de entrevistas com os sujeitos selecionados. Nas pesquisas qualitativas “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p.134).

A técnica das entrevistas semi-estruturadas apresenta maior flexibilidade dado o contato do pesquisador com o sujeito, permitindo ao entrevistador repetir as perguntas, se necessário, bem como esclarecer ou especificar algum significado para garantir a compreensão da questão. É o caráter de interação que permeia a entrevista, um clima de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde, de modo que as informações possam fluir de maneira autêntica (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Nesta investigação far-se-á uso exatamente da entrevista semi-estruturada, que seguirá um roteiro previamente elaborado, mas passível de modificações, com a finalidade de contemplar os objetivos propostos no estudo. A entrevista semi-estruturada deve propiciar aos entrevistados a abordagem de outras questões que julguem relevantes, pois se trata de um diálogo, em que o roteiro é suficientemente flexível de modo a favorecer a narrativa (TOURTIER-BONAZZI, 1996). Para Bogdan e Biklen (1999, p.135) apesar da utilização de um roteiro, “as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar seu conteúdo”.

Lüdke e André (1986) ressaltam que deve haver respeito do entrevistador pelo universo cultural próprio dos entrevistados, as suas opiniões, impressões, valores. Além disso, o entrevistador deve possuir grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo de informações fornecidas pelo entrevistado, atentando-se para não exercer influência ou direcionar as respostas.

### **3.1 Sujeitos**

Foi constituída uma amostragem intencional de seis (6) professores da rede pública estadual de São Paulo, atuantes em Bauru, mediante os seguintes critérios:

- ter desenvolvido conteúdos do eixo “Lutas” proposto no CEF-SP por pelo menos dois anos letivos;
- contemplar professores do sexo feminino e do sexo masculino;
- contemplar pelo menos dois professores que tenham histórico pessoal de prática de lutas;
- o professor deverá manifestar sua concordância em participar da pesquisa, assegurados os procedimentos éticos necessários.

### **3.2 Procedimentos**

Contato inicial e seleção do professor/a: entrevista preliminar para checar os critérios estabelecidos.

Entrevistas semi-estruturadas com os professores/as registradas em gravador de voz, e posteriormente transcritas para análise, contemplando os seguintes tópicos: formação inicial, fontes de informação e conhecimento sobre lutas, facilidades e dificuldades para implementar o ensino de lutas; avaliação do material didático do CEF-SP; avaliação de avanços propiciados pelo CEF-SP; violência; mídias. O roteiro utilizado na entrevistas encontra-se no Anexo A.

#### **3.2.1 Análise dos dados**

Os dados são descritivos, e serão interpretados a partir do confronto com as questões teóricas postas pela literatura e das diferenças entre as características dos professores entrevistados.

### **3.2.2 Procedimentos éticos**

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Unesp/Bauru. O modelo do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, assinados pelos professores e professoras encontra-se anexo.

## **4 RESULTADOS**

Foram entrevistados seis sujeitos, entre professoras e professores atuantes na rede pública estadual em escolas do município de Bauru, todos licenciados em Educação Física, destes os quais, três professores possuem histórico pessoal como praticante de alguma modalidade de luta. Em virtude da preservação da identidade dos sujeitos e da ética em pesquisa, os mesmos serão denominados: professora sem histórico pessoal em lutas (SHPL “A”); professor com histórico pessoal em lutas (CHPL “B”); professor CHPL “C”; professora SHPL “D”; professor SHPL “E”; e professor CHPL “F”.

### **4.1 O ensino de lutas e o saberes dos professores: o papel da formação inicial**

Os professores concluíram sua graduação em períodos próximos (entre 2004 e 2008), exceto os professores “B” e “F”, que obtiveram a graduação em 1992 e 1999, respectivamente. Dentre os docentes, os professores “A”, “D” e “F”, se formaram em universidades públicas estaduais. No que diz respeito à formação inicial, nem todos os professores vivenciaram alguma disciplina que envolvesse o conteúdo de lutas, caso dos professores “B” e “E”. Porém, o professor “E” realizou um curso de Judô em caráter de formação continuada, oferecido pela D.E. (Diretoria de Ensino) de Bauru; entretanto, segundo relato do mesmo, não colaborou significativamente para sua formação em relação ao conteúdo de lutas.

Já os professores que durante a graduação cursaram disciplinas que abrangeram as lutas como enfoque principal, evidenciaram o trato superficial em relação ao tema, bem como sua limitada transposição didático-pedagógica para a escola, desse modo dificultando a reflexão em torno da problemática gerida pela relação ensino-aprendizagem de Lutas nesse âmbito. Tal foi explicitado na fala da professora SHPL “A”:

*“Mas acho que pro ensino na escola, ai já há um pequeno problema, é uma distância grande entre o ensino na graduação e quando você traz pra realidade, pra escola [...] como o nosso curso é voltado pra licenciatura, acho que faltou a ideia do professor da graduação é [...] no caso ai a gente trabalhar com crianças mesmo, porque lá era todo mundo adulto, já tinham uma noção de [...] e o desenvolvimento corporal já é desenvolvido, já tem o respeito entre os participantes, já é grande entre eles. Acho que o desafio faltou como lidar com esse tipo de problema na escola.”*

Nesse sentido, tal perspectiva por parte da professora indica certa limitação em sua formação inicial, particularmente, conforme aponta Schulman (1986), a necessidade de um conhecimento pedagógico do conteúdo, neste caso, sua articulação com a especificidade do conteúdo de lutas.

Outro aspecto importante levantado pelas entrevistas com os sujeitos foi a necessidade de maior aprofundamento nessas disciplinas, tanto na vivência de movimentos, quanto o caráter cultural da cultural das lutas, e até em razão do pouco volume de aulas, como sugere o professor CHPL “F”:

*“Eu acho que faltou do ponto de vista prático, a possibilidade de trabalhar um volume maior de movimentos [...] porque as lutas em geral, elas se constroem em termos de movimento a partir de uma... de uma realidade histórica, social, geográfica e cultural, quer dizer então, a luta acaba se construindo, constituindo qualquer que seja ela como uma cultura própria, e ao ser uma cultura própria é complicado você num prazo tão curto, tão pouco tempo... construir algo.”*

Desse modo, muitos professores/as por vezes, acabam por se sentirem intimidados e/ou inaptos a abordar conteúdos pouco “tradicionais” na Educação Física, principalmente aqueles que não possuem com eles contato ou experiência prévia, como no caso do conteúdo Lutas apresentado pelo CEF-SP, como pode ser reforçado pelo professor CHPL “C”:

*“Então é complicado, pra quem já praticava e conhecia era até válido, mas pra quem nunca conheceu luta fica um pouco, muito superficial [...] conheço alguns amigos [professores] também que trabalham muito superficial, até pulam esse*

*assunto [lutas] por não ter muito conhecimento, é complicado você passar alguma coisa que você não tenha conhecimento...”*

#### **4.2 Professor que luta ou professor que não luta?**

Em relação a ser praticante de alguma modalidade de luta ou possuir histórico pessoal significativo como praticante, todos os professores/as concordaram que possuir experiência prévia em lutas é um aspecto facilitador na docência desse conteúdo no âmbito escolar. Como citado pelo professor CHPL “C”:

*“[...] a dificuldade que uma pessoa [não praticante de lutas] tem em enxergar aquilo ali, eu consigo ver com mais facilidade.”*

E de modo mais aprofundado na perspectiva do professor CHPL “F”:

*“[...] quando a atividade de luta é encaminhada de maneira adequada, quer dizer, a condução do processo ela é capaz de determinar se esse disciplinamento vai acontecer ou não, agora que disciplinamento a gente deseja? É o disciplinamento do corpo pra ser obediente ou disciplinamento do corpo pra buscar o que é melhor pra si, pra buscar sua autonomia [...] ter praticado me deu uma perspectiva com relação a luta, que quem não praticou, o professor que não praticou não a tem, isso é um facilitador.”*

Contudo, outros estudos já realizados (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007; SO, 2010), apontam que o educador não necessariamente precisa “saber lutar” e nem possuir habilidades específicas de luta para tratá-la enquanto conteúdo escolar. Entretanto, tal diagnóstico não implica que professores, como mediadores e agentes pedagógicos que se constituem como sujeitos autônomos, busquem por si mesmos, alternativas que possam suprir essa lacuna de saberes proveniente da formação inicial. Para tanto, a construção do *conhecimento específico do conteúdo* se propõem em forma de resgate, ou melhor explicitado, em recortes cotidianos das relações do sujeito com o mundo das lutas, sendo uma das principais vias de acesso o discurso midiático nas quais elas se inserem de modo importante nos dias de hoje. Porém, também foram citados pelos professores como fonte informações, amigos,

livros, espaços como academias e clubes que oferecem a prática de modalidades em diferentes Lutas. Além disso, os próprios alunos foram indicados como fonte de conhecimento, segundo destaca o professor CHPL “F”:

*“na disciplina de Ed. Física do conteúdo de Karatê pras sétimas séries é [...] a escola tem alguns alunos que praticam o Karatê, inclusive um falou que esse ano tá, fez o exame pra faixa marrom, então assim, esses alunos foram essenciais, a humildade do professor no sentido de não desejar ser o sabe tudo e procurar ajuda dos alunos que conhecem a “Luta”, especialmente na perspectiva do [...] da prática corporal propriamente dita, do movimento, contribui bastante e, acaba por enriquecer o conteúdo da aula”.*

#### **4.3 O CEF-SP e os saberes docentes: a especificidade do conteúdo ensinado**

Dentre os professores e professoras, o CEF-SP foi também citado como importante fonte de informações sobre lutas, particularmente o “Caderno do Professor” e o “Caderno do Aluno”. Sendo assim, quando questionados se abordavam tal eixo de conteúdo em suas aulas, houve um consenso significativo, e de forma unânime os docentes afirmaram que abordam “Lutas” nas aulas de Educação Física escolar essencialmente pela demanda do CEF-SP.

Um fato que nos chamou atenção, foi a consideração da especificidade da modalidade praticada pelos sujeitos em suas respostas. Dois professores praticantes de Capoeira há longa data relataram que não abordariam de modo aprofundado outras modalidades, mas provavelmente o fariam com a Capoeira, devido ao vínculo pessoal em questão, como afirma o professor CHPL “F”:

*“No sentido mais amplo, eu acho que seria difícil fazer, é no sentido da Capoeira por uma questão de identidade, e aí não há como ser hipócrita, a identidade com uma manifestação esportiva seja ela qual for, inclusive muitos professores de Educação Física trabalham na questão do Futebol com mais intensidade, outros o Vôlei, outros o Basquete, em função da sua identificação. Certamente eu trabalharia Capoeira com um afinco maior, em vista dessa própria identidade com a luta e com a manifestação cultural.”*

A partir dessa premissa, podemos ressaltar ao que atentou Mizukami (2004, p.7) apoiada nos referenciais de Shulman (1986; 1987), de que grande parte das pesquisas existentes subestima e não se atêm ao essencial da vida da sala de aula, que é o conteúdo específico da disciplina que o professor ensina. Em virtude disso, ainda podemos salientar a especificidade do que o professor possui perante sua própria subjetividade, ou seja, a apropriação do objeto a ser ensinado, e diante disso, a inferência dessa ótica na mobilização de seus saberes e a na sua atuação como docente.

#### **4.4 Facilidades e dificuldades no ensino de lutas: mídia e violência**

Já a despeito das facilidades e dificuldades na perspectiva dos professores, em suma, foram elencados um volume maior de dificuldades em relação às facilidades no desenvolvimento do conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física. Os docentes atribuíram tais dificuldades a fatores como: falta de material e espaço adequados; tempo de aula reduzido; falta de interesse dos alunos, indisciplina e agressividade por parte dos alunos; receio (do/a professor/a) de que ocorram lesões entre os alunos; falta de conhecimentos prévios sobre lutas, principalmente na relação com o saber fazer (demonstrar corporalmente os movimentos).

Como aspectos facilitadores, o professor SHPL “E” e a professora SHPL “D”, acreditam, respectivamente, que a atual evidência midiática das lutas e a propagação em larga escala do MMA (Artes Marciais Mistas) como esporte, contribuem para despertar o interesse dos aluno/as em relação a esse conteúdo. Além disso, o professor CHPL “F” atenta também ao fato das lutas possuírem o aspecto da “novidade” perante os conteúdos “tradicionais” das aulas de Educação Física.

Sob esse viés, outra questão importante nesse contexto foi a percepção dos docentes em relação à influência da mídia. Apenas a professora SHPL “A” considerou como positiva a influência gerada pela mídia, alegando que a mesma parece despertar o interesse dos alunos para as lutas. Apesar disso, acredita que a espetacularização do MMA realçada através da mídia, não retrata os perigos para os iniciantes em luta.

A partir de uma ótica diferente, os docentes CHPL, em sua maioria, concordaram que a influência midiática das lutas tende a ser negativa, o que se

contrapõe às suas origens e fundamentos filosóficos, em vários aspectos, como: falta de contextualização; exacerbação do confronto e competitividade, sem respeito aos valores intrínsecos das lutas; busca da vitória pela vitória. A constante exibição televisiva de tais comportamentos gerou críticas por parte dos educadores, que percebem sua influência nos alunos, e que destoam dos princípios originais das lutas como fenômeno cultural.

O professor CHPL “C” sugere que a aderência dos alunos às lutas, na atualidade, não seja somente pela identificação com a prática, e sim decorrente, sobretudo, da influência da mídia:

*“Então, hoje em dia é modismo né, que tem, então a mídia acaba até entrando com a luta, e os alunos começam ir atrás, não por gostar, mas pra fazer parte ali do que tá acontecendo naquele momento.”*

Outra crítica dos docentes diz respeito ao excesso de agressividade e violência propagado através do MMA, o qual difere de outras modalidades como, por exemplo, Judô e Karatê. Portanto, acreditam que falta espaço na mídia a tais modalidades, em razão das mesmas não buscarem a espetacularização da violência, como notou o professor CHPL “B”:

*“Acho que influencia mais a violência cara, porque na verdade a televisão só mostra pancada né, apesar de ter esse MMA ai [...] de todos os esportes ai é o que tá mais na mídia, mas por causa da violência né cara, você num vê ai um campeonato de Judô, você num vê um campeonato de Karatê, você num vê nada disso.”*

Em contrapartida, a essência das lutas se opõe a tais comportamentos, e por isso a repercussão das Artes Marciais Mistas (MMA) parece desconstruir o sentido histórico e o caráter filosófico das lutas, e pode levar à equivocada crença de que as lutas em si são violentas. Conforme relata o professor (CHPL) “F”:

*“E em certa medida determinados valores que as lutas em geral passam podem se perder no meio do caminho, as questões que envolvem os conceitos de honra no caso das lutas orientais, no caso da Capoeira o sentido da liberdade, quer*

*dizer, a liberdade que eu busco na Capoeira não é a liberdade de dominar o outro, mas a liberdade que eu possa garantir pra mim e pra ele também né [...] não vejo uma relação com violência, mas uma relação, uma prática de luta que inclusive nega essa violência, que busca garantir é... uma formação mais integral.”*

#### **4.5 A implementação do CEF-SP e o ensino de lutas: a perspectiva dos docentes**

Segundo os próprios professores/as, o currículo contribuiu para que fossem abordados novos conteúdos e sugerir situações de aprendizagem, como no caso das lutas, que, anteriormente ao CEF-SP, dificilmente eram contemplados durante as aulas de Educação Física. E o material de apoio didático para professores e alunos foi vital neste processo. Tal ponto de vista pode ser referenciado nos discursos feitos pela professora (SHPL) “D”:

*“O material [Cadernos do Professor e do Aluno] ajuda porque ele sugere algumas situações de aprendizagem, a gente pode se basear neles pra planejar sua aula.”*

E pelo professor (CHPL) “B”:

*“[...] na verdade ele trouxe luta né, porque antes do “caderno” eu nem dava luta, então ela ajudou sim, mas não resolveu ainda não.”*

Em vista desse referencial, ante a avaliação dos docentes entrevistados, houve certo progresso em virtude da ampliação dos conteúdos proposta pelo CEF-SP. Contudo, para que haja efetiva incorporação destes novos conteúdos no currículo, é preciso melhor subsidiar os professores e professoras com os conhecimentos específicos e pedagógicos dos conteúdos sugeridos, sob a foma de educação continuada, bem como melhorar a infraestrutura das escolas. Tal como é bastante evidente no caso das lutas. Essa perspectiva se reflete nos relatos dos sujeitos:

Professor (SHPL) “E”:

*“Já é um início né, ainda tem que melhorar, mas já aborda o tema, sai um pouco dos esportes mais conhecidos né, mais divulgados[...] começa o primeiro passo, só falta um pouquinho mais de preparo, tanto dos profissionais, como da estrutura que oferece pra gente trabalhar.”*

Professor (CHPL) “B”:

*“[...] falta conteúdo... eu acho que falta mais suporte, falta informação, a gente não é preparado, num tem como cara... um curso de formação.”*

Professor (CHPL) “F”:

*“[...] eu acho que faltou mais algumas coisas, falta uma formação continuada que trabalhe com lutas, acho que isso é importante, o processo de formação inicial também é importante que se tenha a formação em lutas na formação inicial do professor de Educação Física, mas é importante que haja essa continuidade, vivências práticas, e isso não pode ficar na dependência somente da vontade ou do desejo do professor, isso deveria ser algo que também fosse uma política da Secretaria da Educação.”*

## **5 CONCLUSÃO**

Apesar de ser uma proposta elaborada por acadêmicos, e suscetível a riscos por desconsiderar as características locais das comunidades escolares, e nelas a singularidade dos alunos, bem como, ao menos aparentemente, os saberes profissionais dos docentes, o CEF-SP parece ter obtido relativo êxito no que tange à proposição de conteúdos, figurando como um “divisor de águas” na prática pedagógica da Educação Física escolar paulista. Sua contribuição, evidenciadas neste estudo, mostrou-se positiva em relação ao que se apresentava nas aulas de Educação Física no período que antecedeu à proposição do CEF-SP, quando havia limitação das lutas como objeto de estudo da disciplina.

O CEF-SP parece nortear uma gama maior de possibilidades de acesso à cultura de movimento e ampliação das possibilidades do Se-Movimentar, que

tradicionalmente se restringe à prática dos esportes coletivos com bola, em geral num contexto de *laissez-faire*.

A partir do CEF-SP, professoras e professores da rede pública estadual têm à sua disposição um considerável aporte de material didático (“Caderno do Professor” e “Caderno do Aluno”) sobre conteúdos a serem abordados no âmbito da Educação Física escolar. Em meio a essas novas possibilidades, há o eixo de conteúdo “lutas”.

Constatamos que o CEF-SP foi um diferencial na perspectiva dos educadores para o ensino de lutas, pois induziu a abordagem das lutas nas aulas. Nesse mesmo viés, os professores/as foram unânimes em afirmar que só trabalham o ensino de lutas devido à demanda ocasionada pelo atual currículo oficial. Caso contrário, não abordariam o referido conteúdo. Ou ainda, como no caso da professora SHPL “A”, não enfatizariam a luta propriamente dita, mas sim jogos e brincadeiras com alusões ao tema.

Tal constatação reflete e pode sugerir a influência do currículo no que diz respeito ao crivo dos educadores na seleção de conteúdos e temas, e na gestão da aula em si. A partir dessa mesma ótica, cabe lembrar o domínio do conhecimento curricular apresentado por Shulman (1986), que nesta investigação parece ter se apresentado com alguma limitação, talvez porque não havia antes do CEF-SP uma estrutura curricular mais detalhada e divulgada massivamente entre os docentes. O CEF-SP parece ter contribuído e ampliado a construção desse saber entre as professoras e os professores entrevistados.

Em conclusão, os professores não têm certeza se tratariam as lutas com ênfase em suas aulas, caso não existisse o CEF-SP.

Contudo, alguns impasses comumente presentes no âmbito da Educação Física persistem, como a dicotomia entre “teoria” e “prática” (expressa por quatro dos docente entrevistados) na diferenciação entre o que denominaram “aulas teóricas” e “aulas práticas”. Mesmo dois professores com significativo histórico pessoal de envolvimento com lutas, declararam ser viável desenvolver apenas a “teoria” das lutas, limitada, de fato ao “processo histórico”, conteúdo sugerido pelo CEF-SP. Com isso, os próprios docentes subjugam suas próprias competências pedagógicas no que entendem como “aulas práticas”, de modo que, acabam por limitar seus alunos/as a vivenciarem movimentos específicos das lutas.

Shulman (1987) aprofundou sua pesquisa sobre a base de conhecimentos que o professor necessita para ensinar, apresentando o processo de raciocínio pedagógico, que propõe diferentes momentos: compreensão, transformação, instrução, avaliação, reflexão e nova compreensão.

O primeiro e segundos momentos são de suma importância. Para Shulman, “ensinar é antes de tudo compreender”. O professor necessita entender como uma ideia se relaciona a outras ideias do mesmo conteúdo ensinado. Portanto, além de assimilar o conjunto de ideias a ser ensinado, é preciso compreender as metas educacionais envolvidas nessa ação. Porém, prossegue Shulman (1987, p. 15), a chave para distinguir a base de conhecimentos para o ensino é:

a interseção de conteúdo e pedagogia, a capacidade do professor ou da professora de transformar o conhecimento do conteúdo que possui em formas que são pedagogicamente poderosas e adaptá-las as variações de habilidades e conhecimentos prévios de seus alunos.

O ponto fulcral desta análise foi percebermos a dificuldade dos docentes em transpor essa ponte entre conhecimento específico do conteúdo e conhecimento pedagógico do conteúdo. Tal construção parece escassa entre os docentes, ou seja, o momento da “transformação” do conteúdo pedagógico apontado por Shulman parece não se desenvolver, mesmo que os professores/as que possuem o domínio do conhecimento específico do conteúdo, como é o caso dos professores entrevistados que possuem experiência prévia como praticantes de lutas.

Em outra direção, os professores/as relataram que a espetacularização das lutas na mídia transmite uma influência negativa sobre as mesmas. Tal entendimento pode prejudicar a aproximação com as lutas por parte dos educadores, especialmente aqueles que não possuem histórico pessoal ou contato prévio com a cultura das lutas. Pois, conforme Monteiro (2003, p.7), apoiada nos referenciais de Shulman: “o processo de ensino começa quando o professor se aproxima do objeto a ser ensinado e se apropria dele, o que vai gerar sua compreensão. É a partir dela que ele vai elaborar e desenvolver o ensino”.

A partir desse raciocínio, podemos perceber o motivo pelo qual os professores/as respaldam suas aulas nos enunciados linguísticos presentes nos “Cadernos do Professor” e “Cadernos do Aluno” e, não se sentem seguros para o desenvolvimento da “prática”. Contudo, outros estudos (NASCIMENTO; ALMEIDA,

2007; SO, 2010) apontaram que o educador não precisa necessariamente “saber lutar” e nem possuir habilidades específicas de luta para tratá-la como conteúdo escolar.

Outro ponto que chamou nossa atenção, foi o professor CHPL “F” ter apontado como fonte de conhecimentos e como contribuição para o desenvolvimento do conteúdo lutas em suas aulas, o protagonismo de alguns de seus alunos praticantes de Karatê, que compartilharam seus saberes com os colegas, com a mediação do professor. Neste relato, podemos identificar o momento que Shulman (1987) nos apresenta como “instrução”, porque o professor reconheceu as características dos alunos, e realizou adequações para que os educandos pudessem ser protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, estabelecendo relações com o conteúdo, e também entre si.

Acreditamos que o principal fator de limitação na construção e mobilização dos saberes docentes dos educadores, reside no que foi relatado por todos: a ineficiência - ou em alguns casos, a inexistência – do conteúdo lutas na formação inicial, o que prejudicou decisivamente a constituição da base de conhecimentos destes docentes. Como exemplo significativo, temos o caso da professora SHPL “A”, que identificou como maior problema na sua formação inicial, a falta de diálogo didático-pedagógico da disciplina de lutas com a realidade da escola.

Percebemos aqui a importância da construção do conhecimento pedagógico do conteúdo para o desenvolvimento da base de conhecimentos do educador. Acreditamos, conforme Shulman, que é de suma importância que o professor/a domine uma base de conhecimentos mínima, para que possa oferecer conteúdos passíveis de efetiva aprendizagem pelos alunos.

Tal conclusão é mais um indicativo para necessidade de políticas públicas voltadas ao preparo dos professores/as, tanto na formação inicial como, em especial, na formação continuada, pois aí se trata dos docentes já no exercício profissional e, portanto, responsáveis por implementar reformas educacionais e curriculares nas escolas públicas.

Por fim, consideramos que o CEF-SP pode ter contribuído para a ampliação do repertório de conteúdos das aulas de Educação Física, não apenas das lutas. Todavia, tal hipótese precisaria ser checada em outras investigações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. C. A. ; BIAJONE, J. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 33, p. 281-296, 2007.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Pioneira, 1999. Parte II, p. 107-188.
- BETTI, M. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- \_\_\_\_\_. Sobre teoria e prática: manifesto pela redescoberta da educação física. *Lecturas: Educacación Física y Deportes (Revista Digital)*, Buenos Aires, v. 10, n. 90, dez. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd91/ef.htm>>. Acesso em 25 de Novembro de 2013
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Editora Porto, 1999.
- BORGES, C. A formação dos docentes de educação física e seus saberes profissionais. In: BORGES, C.; DESBIENS, J.-F.(orgs.). *Saber, formar e intervir para uma educação física em mudança*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, pp.157-190.
- BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física- 5ª a 8ª séries*. Brasília: MEC, SEF, 1998.
- CAZETTO, F.F. *Influências do esporte espetáculo sobre as lutas e as artes marciais: reflexões sobre a educação dos mais jovens*. Lecturas: Educación Física y Deportes (Revista Digital) Buenos Aires, v.15, n. 148, set. 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd148/influencias-do-esporte-espetaculo-sobre-as-lutas.htm>>. Acesso em: 10 de Dezembro de 2013
- CONTRERAS, J. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.
- KUNZ, E. *Educação física: ensino e mudança*. Ijuí-RS: Unijuí, 1991.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí-RS: Unijuí, 1994.
- LAGE, V; GONÇALVES JUNIOR, L; NAGAMINE, K. K.. *O Karatê-Do enquanto conteúdo da Educação Física Escolar*. In: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA, 3, 2007, São Carlos. *III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer de uma perspectiva latino-americana*. São Carlos: SPQMH, 2007. p. 116-133.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L.S. Shulman*. Revista do Centro de Educação, Santa Maria, RS.v. 29, n.2. p.1-19, 2004.

- MONTEIRO, A. M. F.C. *Professores :entre saberes e práticas*. Educação & Sociedade, Campinas, v. XXV, n. XII, p. 121-142, 2001.
- MONTEIRO, A. M. F.C. *Entre saberes e práticas: a relação de professores com os saberes que ensinam*. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26. Novo governo. Novas políticas?, 2003, Poços de Caldas. Rio de Janeiro : Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação- Anped, 2003.
- NASCIMENTO, P. R.B. do; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n.3, p. 91-110, set/dez 2007.
- OLIVIER, J. C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PIMENTA, S. G. A pesquisa em didática: 1996 a 1999. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. p. 78-106.
- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. *Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal*. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 1, p. 145-170, jan./mar. 2013.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Proposta curricular do estado de São Paulo: educação física – ensino fundamental ciclo II e ensino médio*. São Paulo: SEE, 2011.
- SHULMAN, L. S. *Those who understands: knowledge growth in teaching*. *Educational Researcher*, Washington, v.15, n.2, p.4-14, 1986.
- . "Knowledge and teaching: Foundations of the new reform." In: *Havard Educational review*. Vol.57 Nº 1 February 1987.1-21.
- SO, M. R.; BETTI, M. *Lutas na Educação Física escolar: relação entre conteúdo, pedagogia e currículo*. Lecturas: Educación Física y Deportes (Revista Digital) Buenos Aires, v.17, n. 178, mar. 2013. Disponível em: [www.efdeportes.com/efd178/lutas-na-educacao-fisica-escolar.htm](http://www.efdeportes.com/efd178/lutas-na-educacao-fisica-escolar.htm)>. Acesso em 29 de Novembro de 2013
- SO, M.R. *Saberes profissionais dos docentes no ensino de lutas: um estudo de caso no Ensino Fundamental a partir da Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo*, 2010. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica apresentado à FAPESP, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2010.
- SOARES, C. L et al. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.233-45.

**ANEXOS**

## ANEXO A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1) Qual sua formação acadêmica (graduação, especialização, outros cursos)? Em que época?
- 2) Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?
- 3) Durante a sua graduação e/ou formação continuada, você estudou o tema “Lutas”? Quais modalidades / disciplinas? Como você avalia estas disciplinas (na graduação)? Elas te prepararam para ensinar lutas na escola?
- 4) Você identifica outras fontes de informação (mídias, livros, parentes e/ou amigos, etc.) que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?
- 5) Você trabalha o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física?
- 6) Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas em sua escola?
- 7) Para ensino do conteúdo lutas proposto pelo CEF-SP são sugeridas algumas modalidades (Judô, Karatê, Capoeira, Boxe, Esgrima etc.), disponibilizado pelo material de apoio didático “Caderno do Professor” e “ Caderno do Aluno”, em que medida tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas? Você tem realizado adaptações em relação a estes conteúdos?
- 8) PARA QUEM NÃO TEVE EXPERIÊNCIA COMO LUTADOR: Se você tivesse tido experiência em lutas como praticante, acha que isso seria uma vantagem para dar aulas agora? Por quê? OU PARA QUEM TEVE EXPERIÊNCIA COMO LUTADOR: Você acha que o fato de você ter sido praticante de lutas é uma vantagem para você dar aulas de lutas? Por quê?
- 9) Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Educação Física escolar?
- 10) Como você percebe a questão da “violência” em relação ao ensino de lutas na Educação Física escolar?
- 11) Você consegue avaliar se, com a implementação do CEF-SP, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?
- 12) Como você avalia a aceitação, a aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

## ANEXO B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### ENTREVISTA 1 – PROFESSORA SHPL “A”

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica e em que época?

Professora: Curso superior em Ed. Física, licenciatura plena pelo Campus da UNESP de Presidente Prudente, me formei em Fevereiro de 2005, ai me efetivei no Estado em 2006.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professora: Não, nenhuma, nunca pratiquei. Só na graduação mesmo.

Entrevistador: Durante sua graduação ou formação continuada, você estudou o tema “Lutas”? Quais modalidades/disciplinas?

Professora: Sim estudamos, nós tivemos Judô... é foi somente Judô.

Entrevistador: Como você avalia essa disciplina de Judô?

Professora: Pra nossa graduação foi bem interessante, foi bem proveitosa, mas acho que pro ensino na escola, ai já há um pequeno problema, é uma distância grande entre o ensino na graduação e quando você traz pra realidade, pra escola.

Entrevistador: Você acha que ela te preparou para ensinar lutas na escola?

Professora: Deu uma boa, eu assim que não tinha nenhuma noção da modalidade, deu uma boa base.

Entrevistador: Mas você acha que faltou alguma coisa na disciplina?

Professora: Talvez faltou... Como o nosso curso é voltado pra licenciatura, acho que faltou a ideia do professor da graduação é... no caso ai a gente trabalhar com crianças mesmo, porque lá era todo mundo adulto, já tinham uma noção de... e o desenvolvimento corporal já é desenvolvido, já tem o respeito entre os participantes, já é grande entre eles. Acho que o desafio faltou como lidar com esse tipo de problema na escola.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professora: Sim, agora com o trabalho do caderninho, a gente busca vídeos, a parte da internet ajuda bastante tirar dúvidas, livros, eu vou em alguma academia tirar dúvidas com um professor, ai a Diretoria de Ensino procura proporcionar cursos pra gente enriquecer ai, pra tentar subsidiar esses problemas nossos ai que a gente encontra no dia-a-dia.

Entrevistador: Você trabalha o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física?

Professora: Somente quando o caderninho, quando surge demanda na proposta curricular, nesse ano foi no nono ano, que foi a Capoeira, é, quando é se não me engano... ai tem tipo

o oitavo ano, que esse ano eu montei um... então esse ano a luta só vai aparecer no primeiro bimestre, apareceu no caso.

Entrevistador: Se o currículo não pedisse, você trabalharia?

Professora: Não, não trabalharia.

Entrevistador: Por que não?

Professora: Não uma modalidade específica, a não ser com jogos de confronto, jogos é... Galo de briga, de combate simples, agora uma modalidade específica eu não trabalharia justamente por não ter essa segurança de passar para os alunos e não ter, como se diz, essa herança motora lá atrás, então eu fico um pouco insegura em passar o conhecimento pros alunos, além de tudo a falta de equipamento em algumas modalidades, por exemplo, o Judô eu acho interessante, bastante interessante, só que a gente esbarra no problema da... por exemplo dos colchonetes, se a gente não tem o tatame, perigoso né, por mais que a gente explique pra tomar cuidado, a hora de se machucar, então sempre aparece esse tipo de problema. A falta de equipamento, insegurança por não ter esse conhecimento anterior e ai agora a parte proveitosa foi a Capoeira né, que eu nunca trabalhei e ai eu acho que se hoje o currículo não pede, mesmo ele não pedindo, eu acho que se de repente amanhã não tem mais currículo é uma modalidade que eu gostaria de trabalhar.

Entrevistador: Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas em sua escola?

Professora: É como eu citava anteriormente, as lutas principalmente, acho que essa... os alunos são agress... tem um pouco mais de agressividade, a dificuldade com disciplina deles de ouvir, pra não fazer alguns movimentos que possam machucá-los e a falta de equipamento, e também, pessoalmente ai essa falta de conhecimento prévio das lutas.

Entrevistador: Para o ensino de conteúdo de lutas proposto pelo currículo são sugeridas algumas modalidades, por exemplo Judô, Karatê, Boxe, Esgrima disponibilizado pelo material de apoio didático "Caderno do Professor" e "Caderno do Aluno", em que medida você acha que tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas, os materiais?

Professora: Contribui, ali tem uma... é que o caderno, ele vem com aquelas atividades, então o professor trabalha aquele conteúdo, eles tem que seguir aquela... ele pode atingir de outra maneira as competências e habilidades que o caderninho sugere, mas ele dá uma boa base, o que eu faço bastante é adaptar sempre ou a sequência didática do caderninho, e adapto pra minha realidade. Algumas atividades eu acho que não vai encaixar com as minhas turmas ai eu acabo adaptando, mas dá bastante, dá um subsídio bom.

Entrevistador: Então você realiza adaptações em relação a esses conteúdos?

Professora: Sim, sim, realizo adaptações.

Entrevistador: Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professora: Ah como qualquer outro esporte quando surge bastante na mídia, quando a mídia dá essa ênfase grande os alunos se interessam, um exemplo disso é o MMA, você encontra bastante assim... chega na quadra eles já querem fazer algum golpe, só que eles não se preocupam se vai desmaiar o colega. Então assim, a mídia ela mostra o evento lá, o glamour, todo mundo torcendo, mas não aponta os perigos e... não aponta os perigos pra

quem não sabe desenvolver a luta corretamente, (o que) pode ocorrer com seu oponente. Então assim, ela influencia pra despertar o interesse, mas poderia também ter esse cuidado em alertar as pessoas que não saibam praticá-las o perigo que possa ocasionar pra elas.

Entrevistador: Mas você acha positiva ou negativa a influência da mídia?

Professora: Positivo, porque acaba despertando o interesse, como outras modalidades eles poderiam estar despertando também, não só o futebol. Acho que hoje por mais que muitas pessoas conseguem pagar TV a cabo, mas o que a grande maioria assiste é o canal aberto né, então assim, o MMA agora começou a aparecer no canal aberto, então a molecada tá... tá gostando, tá se interessando, tá procurando. Antes eu via muito poucos alunos procurar luta, hoje eu já vejo bastante gente procurando luta, justamente pra tentar a ir pro... eles comentam se viu, se não viu a luta, então de alguma forma acho que é positivo sim.

Entrevistador: E a questão da violência, como você percebe a relação com o ensino das lutas na Ed. Física escolar?

Professora: Então, dentro da aula assim a gente sempre procura bastante os alunos assim nessa questão que, o que se aprende ou tanto na escola, ou numa academia, ou num tatame a gente deve desenvolver a luta num sentido... dentro de uma competição e contra alguém que saiba desenvolver a luta, você nunca pode usa isso de uma forma pra massacrar o outro, ainda mais quem não sabe, mas dentro das aulas quando eu ensinei houve essa cooperação entre os alunos mas isso tem que ser muito bem trabalhado antes, explicado que um soco onde pegar faz a pessoa desmaiar então, justam... como outras modalidades também, então essa parte ai de respeito com seu oponente tem que ser bem trabalhado antes.

Entrevistador: Você consegue avaliar se, com a implementação do currículo, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professora: Eu não tenho contato assim com outras escolas, mas assim da mesma forma que traz é bastante modalidades, as outras modalidades, se a gente tá ensinando esse pouquinho de lutas de alguma forma contribui culturalmente, porque a ideia do caderninho ou algumas modalidades não é o aluno... é praticá-la, e sim saber apreciar, é no caso assistir uma TV saber o que tá acontecendo, saber o que tá passando ali naquele momento ou se tá passando num evento esportivo, saber qual modalidade tá sendo praticada e saber algumas regras básicas. Então, nesse sentido acho que contribui culturalmente pros alunos.

Entrevistador: E o que você acha que está faltando para melhorar a implementação do ensino de lutas no currículo das escolas estaduais?

Professora: Bom, pessoalmente curso, é proporcionarem cursos pra gente trabalhar diretamente com as crianças com exemplos práticos, até nós já fizemos cursos, mas assim, sempre tem essa lacuna, a gente sempre vai fazer curso, por exemplo, é entre professores que já tem um domínio corporal bom, então a ideia é que a gente fizesse um curso que lidasse na prática com as crianças, pra encontrar aqueles problemas no dia-a-dia, é a busca de cursos... e de estrutura, principalmente material né, proporcionar um espaço adequado pra esse tipo de luta.

Entrevistador: Mas então você fez curso de formação continuada pelo Estado? Em lutas?

Professora: Sim, fiz Judô e Capoeira, isso há uns 3, 4 anos atrás se não me engano.

Entrevistador: Como você avalia a aceitação, aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professora: É... quando a gente parte pra uma modalidade individual o que eles gostam é parte de jogo mesmo, quando você tira a bola deles, eles já têm uma rejeição maior, não só com a luta mas também com outras modalidades, então é... até num primeiro momento, Capoeira assim num primeiro momento eles não querem fazer mas ai quando vai passando o desenvolvimento da aula eles acabam gostando. Então assim, num primeiro momento a aceitação não é boa, só que com o desenvolvimento das aulas eles vão gostando.

## **ENTREVISTA 2 – PROFESSOR CHPL “B”**

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica e em que época?

Professor: Licenciatura e bacharelado em Ed. Física, me formei em 92.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professor: Fiz Capoeira, fiz quase 20 anos.

Entrevistador: Durante sua graduação/formação continuada você estudou o tema lutas? Quais modalidades/disciplinas?

Professor: Não, não tive, não que eu me lembre, a gente até cobrou isso.

Entrevistador: Nada mesmo? Nem formação continuada?

Professor: Eu fiz uma vez um encontro de Capoeira em Curitiba, mas foi pela prefeitura.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação (mídias, livros, parentes e/ou amigos) que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professor: Amigos né, pratiquei bastante tempo ai sofri um acidente de moto e tive que parar.

Entrevistador: Mas você ainda pratica Capoeira?

Professor: Cara, faz tempo viu, faz tempo.

Entrevistador: Você trabalha o conteúdo lutas nas aulas de Ed. Física?

Professor: Trabalho, inclusive esse ano nós trabalhamos o Karatê, foi Karatê esse bimestre.

Entrevistador: Mas você trabalha porque o currículo pede? Se não pedisse trabalharia o conteúdo lutas?

Professor: Não, não trabalharia.

Entrevistador: Por que?

Professor: Porque eu não domino esse assunto, é não domino o assunto, fica mais na parte teórica só.

Entrevistador: Mas nem a parte de Capoeira que você disse que fez bastante tempo?

Professor: Cara, eu tenho um aluno aqui que joga legal, Capoeira sim, Capoeira já fizemos, mas eu mesmo não consigo jogar, por ordens médicas eu não posso fazer rotação. Capoeira sim, na verdade provavelmente eu teria uma turma de Capoeira aqui, eu não faço realmente porque eu tive que parar (de praticar).

Entrevistador: Mas as outras modalidades não?

Professor: Ah não, não, eu não consigo passar o que tá no “caderno” cara.

Entrevistador: Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas em sua escola?

Professor: Cara, eu acho que é falta de material e falta de algo específico também cara, porque o caderno é muita pouca informação, é pouca informação e falta também a prática cara, porque sinceramente eu gostaria de fazer né, porque falta interesse do aluno, porque se você não tá fazendo o aluno num quer fazer, se tem que tá fazendo, se o negócio fala que você tem que rolar, você tem que rolar, eu num posso rolar né (risos) já fiz muito isso.

Entrevistador: Para o ensino de conteúdo de lutas proposto pelo currículo são sugeridas algumas modalidades, por exemplo Judô, Karatê, Boxe, Esgrima disponibilizado pelo material de apoio didático “Caderno do Professor” e “Caderno do Aluno”, em que medida você acha que tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas, os materiais?

Professor: Ah ele ajuda, mas não completa não, precisava mais complemento.

Entrevistador: Que tipo de complemento?

Professor: Eu acho que mais informações, mais informações mesmo.

Entrevistador: Você tem realizado alguma adaptação em relação aos conteúdos, caderno do professor e caderno do aluno?

Professor: Cara é... Jogos, jogos e brincadeiras que envolvem alguns movimentos né, o rolamento, o chute, sempre tem umas brincadeiras assim.

Entrevistador: Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Acho que influencia mais a violência cara, porque na verdade a televisão só mostra pancada né, apesar de ter esse MMA ai.

Entrevistador: Na sua opinião é negativa a influência?

Professor: Ah eu acho que é, de todos os esportes ai é o que tá mais na mídia mas por causa da violência né cara, você num vê ai um campeonato de Judô, você num vê um campeonato de Karatê, você num vê nada disso. Aparece mais o MMA né? É mais o MMA, num é nada específico né, a gente num vê nada específico.

Entrevistador: E a questão da violência, como você percebe a relação com o ensino das lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Não, não, eu acho que luta ajuda, ajuda sim.

Entrevistador: Você acha que melhoraria (a questão da violência) então?

Professor: Eu acho que melhoraria... eu acho que melhoraria você canalizar sua energia, sua raiva pra luta né, não briga.

Entrevistador: Você consegue avaliar se, com a implementação do currículo, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professor: Não, não... Não tenho conversado com meus colegas, mas na minha parte aqui não.

Entrevistador: Você acha que com o caderno não melhorou?

Professor: Só acrescentou alguma coisa, mas não resolveu não.

Entrevistador: O que você acha então que está faltando para melhorar o ensino de lutas no “caderno”? O que falta para você trabalhar melhor o ensino de lutas?

Professor: Cara seu falar que falta conteúdo... eu acho que falta mais suporte, falta informação, a gente não é preparado, num tem como cara... um curso de formação.

Entrevistador: Como você avalia a aceitação, aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professor: Cara, você já deu aula aqui? Já deu aula? O desinteresse tá foda cara, o interesse é mais daqueles alunos que já estão mais acostumados com o esporte, tá e agora, eu vejo mais desinteresse principalmente na parte das meninas.

Entrevistador: Mas você já chegou a passar pelo conteúdo de lutas?

Professor: Já, mas assim, principalmente na parte das meninas é muito desinteresse, os meninos até que vai legal, desde de que você consiga demonstrar pra eles cara.

Entrevistador: Você conseguiu passar alguma coisa no conteúdo de lutas?

Professor: Passei, passei Capoeira, o Karatê eu passei só teoria.

Entrevistador: Mas você passou mais teoria por quê?

Professor: Eu passei teoria, passei a história do Karatê, passei alguns... As atividades que estavam no “caderno”, os exercícios tá, pra tentar estimular a curiosidade deles, ai eu falei agora pessoal quem quiser que corre atrás, tem Karatê aqui, vocês já conheceram, já conheceram Capoeira.

Entrevistador: Mas eles te questionavam alguma coisa?

Professor: Não, muito pouco interesse, interesse... na verdade é o que desestimula a gente também é essa falta de interesse da molecada, não é só pra luta não cara, tá difícil dar aula de Ed. Física.

Entrevistador: Mas você acha que o “caderno” melhorou algo?

Professor: Ajudou, na verdade ela trouxe luta né, porque antes do “caderno” eu nem dava luta, então ela ajudou sim, mas não resolveu ainda não.

### ENTREVISTA 3 – PROFESSOR CHPL “C”

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica? Em que época?

Professor: Me formei em 2006 e tenho licenciatura plena.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professor: Possuo, possuo... Faixa preta em Jiu-Jitsu, treinei Judô durante um tempo também e Karatê.

Entrevistador: Quanto tempo?

Professor: Jiu-Jitsu 12 anos, Karatê fiz 3 (anos) e, Judô fiz um tempo na faculdade também, da uns 3 ou 4 anos.

Entrevistador: Durante sua graduação e/ou formação continuada você estudou o tema “Lutas”? E como você avalia as disciplinas?

Professor: Durante a faculdade eu fiz Karatê e fiz Judô, só que era por cima, é o básico né... Era só pra aprender qual a história do Karatê, a história do Judô e algumas técnicas só.

Entrevistador: Mas você achou que foram boas as disciplinas ou...? No geral?

Professor: Então é complicado, pra quem já praticava e conhecia era até válido, mas pra quem nunca conheceu luta fica um pouco, muito superficial.

Entrevistador: Você acha que as disciplinas que você fez na faculdade te prepararam para ensinar lutas na escola?

Professor: Não, sinceramente não, não tem como... Você aplicar, você pode dar teoria, um pouco de teoria, a história, ensinar alguma coisa, só que pra aplicar lutas em escola é complicado, base não tem nenhuma.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação (mídias, livros, parentes, amigos) que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professor: Na verdade, lutas sempre eu que fui atrás, então você vê, histórico em família não tenho ninguém ligado, partiu, eu mesmo fui atrás e queria conhecer e praticar lutas né.

Entrevistador: Você trabalha o conteúdo de lutas na Ed. Física?

Professor: Procuo trabalhar só que mais a teoria, tem o nosso caderninho também que fala um pouco do Judô e Karatê, mas não me aprofundo muito, porque essa base também que... o tempo que a gente tem é um tempo curto, tem muita pouca coisa na apostila e num tem como trabalhar muito, a gente num tem espaço, espaço sim, espaço até tem, só que o complicado é aplicar luta em sala de aula e mostrar pro aluno as técnicas tudo é um tempo, leva um certo tempo, isso ai você acaba passando tempo num consegue, você reduz muito e acaba passando só história da luta e alguma coisa, só superficial mesmo.

Entrevistador: Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas na escola?

Professor: Bem lutas... Tem a Capoeira também, a Capoeira na oitava séria a gente trabalha, só que a Capoeira como folclore também né, a história do Brasil, então a gente trabalha mais voltado pro lado histórico. O Karatê e Judô pra trabalhar eu... não tem como trabalhar, Judô você precisa da roupa no caso também e de um tatame, num tem como trabalhar. E o Karatê também a gente acaba passando um pouquinho por cima.

Entrevistador: Você acha então que mais material é o que falta?

Professor: Material, no caso material, que nem o Karatê eu treinei um tempo, mesmo treinando um tempo fica... eu tenho pouco conhecimento pra passar pros alunos. Então não tem como passa, que nem o Kata essas coisas mais simples consigo até passar, história também, mas do resto é complicado, num tem tempo, num tenho tempo assim, num tem tempo de aula, é muito reduzida pra passar a respeito de lutas.

Entrevistador: No ensino do conteúdo de lutas proposto pelo CEF-SP são sugeridas algumas modalidades (Judô, Karatê, Capoeira, Boxe, Esgrima), disponibilizado pelo material de apoio didático “Caderno do Professor” e “Caderno do Aluno”, em que medida tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas?

Professor: Então o caderno tem algumas... tem o Boxe, eu trabalho o Boxe com pessoal do colegial, principalmente a fato histórico né, processo histórico que a gente acaba aprendendo ali, do mais a gente tem que ir atrás, muita coisa é muito superficial que tem ali, num tem muita coisa pra você... é a contribuição pro aluno aprender as práticas da luta é difícil, então eu acabo trabalhando mais o processo histórico.

Entrevistador: Então você realiza adaptações em relação aos conteúdos?

Professor: Isso, conteúdo e algumas coisas, tem principalmente na parte das meninas, elas ficam muito receosas em fazer, em praticar alguma coisa. Capoeira a gente consegue colocar o pessoal, fazer alguma roda de Capoeira, alguns golpes principais, mas do restante, Judô e Karatê fica meio complicado trabalhar isso. Então o pessoal tem um pouco de receio ainda.

Entrevistador: Você acha que o fato de você ter sido praticante de lutas é uma vantagem para você dar aulas de lutas? Por quê?

Professor: No meu caso sim, fica mais fácil algumas coisas, a dificuldade que uma pessoa (não praticante de lutas) tem em enxergar aquilo ali, eu consigo ver com mais facilidade.

Entrevistador: Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Você fala no caso...

Entrevistador: Jornal, televisão, internet o que elas influenciam?

Professor: Então, hoje em dia é modismo né, que tem, então a mídia acaba até entrando com a luta, e os alunos começam ir atrás, não por gostar, mas pra fazer parte ali do que tá acontecendo naquele momento. Então a mídia hoje em dia, tanto é que ultimamente deu uma parada, veio o MMA por uns tempos, mas a mídia questão de influenciar os alunos hoje, de hoje não vejo ponto positivo nenhum, praticamente não há né.

Entrevistador: Você acha negativa a influência então?

Professor: Então, num tem, eu praticamente não vejo nada a mídia... agora sim que vai começar as Olimpíadas no Brasil o pessoal vai começar ir atrás de atleta, mas são uns atletas que já estão antigos na modalidade, não quem tá ingressando agora, não vejo muito esforço não.

Entrevistador: Como você percebe a questão da “violência” em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Então, violência é complicado, a gente tem um lema, a gente fala muito quem luta não briga né, a gente procura pregar isso aí, que o esporte luta é uma defesa pessoal, um modo de se movimentar e, a gente acaba falando que luta é um esporte também e não um ato de violência, então isso aí acaba, se você consegue mostrar pro aluno que luta é diferente de briga, consegue conscientizar ele a esse fator de violência.

Entrevistador: Você consegue avaliar se, com a implementação do CEF-SP, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professor: Muito pouco, conheço alguns amigos (professores) também que trabalham muito superficial, até pulam esse assunto (lutas) por não ter muito conhecimento, é complicado você passar alguma coisa que você não tenha conhecimento ali.

Entrevistador: Mas você acha que o currículo ajudou um pouco a divulgar (lutas)?

Professor: Ajudou um pouco, precisava capacitar mais os professores no caso, muito superficial o que a gente pega, tanto em faculdade e apostila também que você acaba lendo, uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática, e luta a prática ajuda bastante.

Entrevistador: Como você avalia a aceitação, a aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professor: É a mesma coisa da ginástica rítmica, os meninos ficam não querendo fazer, as meninas ficam a mesma coisa, então a aceitação por parte dos meninos sim, é bem aceito, as meninas ainda tem um pouquinho de receio.

#### **ENTREVISTA 4 – PROFESSORA SHPL “D”**

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica e em que época?

Professora: Fiz graduação em Ed. Física, terminei em 2009... 2008, e especialização em Pedagogia do Esporte.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professora: Nenhuma, só pela faculdade.

Entrevistador: Durante sua graduação/formação continuada você estudou o tema lutas? Quais modalidades/disciplinas?

Professora: Fiz uma disciplina de lutas que abrangeu Judô, Taekwondo, Sumô, Karatê e Capoeira.

Entrevistador: Foi uma disciplina só? Geral de lutas!?

Professora: Foi uma só, geral de lutas.

Entrevistador: E como você avalia a disciplina? Foi boa?

Professora: Foi boa, mas eu achei que poderia ser mais aprofundada, porque como foi uma só para todas modalidades, eu achei bem superficial.

Entrevistador: Você acha que elas te preparam para ensinar lutas na escola?

Professora: Não, acho que não.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação (mídias, livros, parentes e/ou amigos) que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professora: Que contribuíram?

Entrevistador: É.

Professora: Livro, site de pesquisa na internet, só.

Entrevistador: Amigo, conhecido, ninguém que fez luta?

Professora: Meu pai fez, mas...

Entrevistador: Não te passou nada?

Professora: É, nunca pedi ajuda pra ele.

Entrevistador: Você trabalha o conteúdo lutas nas aulas de Ed. Física?

Professora: Trabalho quando o currículo (CEF-SP) pede.

Entrevistador: Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas em sua escola?

Professora: Bom... a dificuldade é minha falta de conhecimento mesmo, facilidade...

Entrevistador: Só falta de conhecimento, você acha que é sua dificuldade?

Professora: Ah, os alunos às vezes acham que é brincadeira e... (não concluiu a resposta) mas é isso, de dificuldade mesmo.

Entrevistador: Facilidade nenhuma mesmo você acha?

Professora: Facilidade... Eu acho que é uma... acho que o interesse dos alunos é bastante quando você pega algumas modalidades que têm mais em evidência, por exemplo o UFC, aí eles conseguem associar mais.

Entrevistador: Para o ensino de conteúdo de lutas proposto pelo currículo são sugeridas algumas modalidades, por exemplo Judô, Karatê, Boxe, Esgrima disponibilizado pelo material de apoio didático "Caderno do Professor" e "Caderno do Aluno", em que medida você acha que tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas, os materiais?

Professora: O material ajuda porque ele sugere algumas situações de aprendizagem, a gente pode se basear neles pra planejar sua aula.

Entrevistador: Você tem realizado alguma adaptação em relação aos conteúdos, caderno do professor e caderno do aluno?

Professora: Quando eu vejo que a situação de aprendizagem não é muito viável, aí eu tenho que realizar algumas adaptações, principalmente quanto ao material que é muito escasso.

Entrevistador: Mas na parte de lutas, mais específica, você passa a mesma coisa que está no caderno?

Professora: Que tá no caderno não, tem que fazer bastante adaptação.

Entrevistador: Se você tivesse tido experiência em lutas como praticante, acha que isso seria uma vantagem para dar aulas agora?

Professora: Com certeza!

Entrevistador: E por que você acha?

Professora: Porque teria mais experiência de... pra montar atividade, pra conhecer mais o histórico das lutas.

Entrevistador: Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professora: Bom eu acho que ele, a mídia, ele evidencia mais algumas lutas do que outras, por exemplo o UFC que eu falei, ele está bem evidente só que se você for ver a Capoeira, Esgrima por exemplo, eles não falam quase nada.

Entrevistador: E a questão da violência, como você percebe a relação com o ensino das lutas na Ed. Física escolar?

Professora: Eu vejo que o professor tem que... nas primeiras aulas tem que fazer uma... uma conversa com os alunos explicando o que é briga, o que é luta, como que a violência entre nesse conteúdo.

Entrevistador: Mas como você acha que os alunos percebem a violência nesse conteúdo?

Professora: Pelas aulas que eu já dei eles veem, eles sabem perceber que violência geralmente não existem nas lutas, que a violência é mais baseado na briga mesmo.

Entrevistador: Você consegue avaliar se, com a implementação do currículo, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professora: Ah eu acredito que sim, porque anteriormente os professores ficavam mais nas modalidades esportivas, mais, digamos tradicionais, as coletivas.

Entrevistador: Qual melhora mais você acha que teve?

Professora: Então, de passar mais conteúdos diversos, diversificados pra eles.

Entrevistador: Como você avalia a aceitação, aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professora: Aceitação é boa, geralmente dos meninos, as meninas já ficam mais receosas de participar.

Entrevistador: Você acha então que conseguiu passar o conteúdo de lutas? Foi satisfatório em sua opinião?

Professora: Foi satisfatório, mas eu acho que poderia melhorar mais.

Entrevistador: Mas melhorar o que?

Professora: Melhorar na parte da atividade, da diversificação de atividade.

Entrevistador: Mas na questão do currículo então?

Professora: Isso, mas na questão conhecimento teórico assim, eu consegui passar melhor, eu acredito.

### **ENTREVISTA 5 – PROFESSOR SHPL “E”**

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica e em que época?

Professor: Me formei em 2004, fazem 10 anos. Qual faculdade? Faculdade Salesiana de Lins.

Entrevistador: Licenciatura?

Professor: Licenciatura plena.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professor: Fiz algum tempo Jiu-Jitsu, mas aí por causa de uma lesão no meu joelho, tive que parar.

Entrevistador: Pouco tempo?

Professor: Menos de um ano.

Entrevistador: Durante sua graduação você estudou o tema “Lutas”? Quais modalidades disciplinas?

Professor: Infelizmente eu não tive.

Entrevistador: Você não teve?

Professor: Não, nada abordado sobre o tema.

Entrevistador: Nem formação continuada?

Professor: Nada, nada... Fiz um curso de Judô pela D.E. (Diretoria de Ensino), mas já faz algum tempinho também, 2/3 anos que teve, ofereceram mas...

Entrevistador: Você fez o curso?

Professor: Fiz o curso sim, mas ajuda pouco né.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação (por exemplo, mídias, livros, parentes ou amigos) que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professor: Bom, pouco cara, pouco, só quando tem a matéria no currículo. Não, é mais pessoal. Seu conhecimento sobre lutas é pela mídia, livros... Pela mídia, agora com a explosão do M.M.A. né tal, mas é bem pouco.

Entrevistador: Você trabalha o conteúdo de lutas na Ed. Física?

Professor: Trabalho pelo currículo né, mas assim, bem superficial né.

Entrevistador: Mas só quando o currículo pede então?

Professor: É, só quando o currículo pede.

Entrevistador: E quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo de lutas na escola?

Professor: É mais dificuldade do que facilidade né, pela minha formação num ter muita informação sobre o assunto e a falta de estrutura também né, pra trabalhar o tema.

Entrevistador: Facilidade você acha que não tem nenhuma para trabalhar o conteúdo?

Professor: A facilidade é porque tá um pouco na mídia né, alguns alunos se interessam bastante, essa é a única coisa.

Entrevistador: Para o ensino do conteúdo lutas proposto pelo CEF-SP são sugeridas algumas modalidades (Judô, Karatê, Capoeira, Boxe, Esgrima etc.), disponibilizado pelo material de apoio didático “Caderno do Professor” e “Caderno do Aluno”, em que medida tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas?

Professor: Ele norteia um pouco o tema né, mas num é suficiente pra atender a demanda que necessita o tema, que seria mais a filosofia da luta, o histórico, é bem básico.

Entrevistador: E você tem realizado adaptações em relação ao conteúdo dos “cadernos”?

Professor: Sinceramente não.

Entrevistador: E você sugere alguma coisa que poderia melhorar o material de apoio?

Professor: Eu acho deveria ter mais preparo e capacitação do professor né, do pessoal um pouco mais antigo.

Entrevistador: Mas em questão de conteúdo do caderno para o tema de lutas?

Professor: Eu acho que deveria ter um pouco mais de apoio didático né, mais vídeos, alguma coisa assim, demonstração né.

Entrevistador: Pra você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Educação Física escolar?

Professor: Ah a mídia prega mais é o M.M.A. né, a parte filosófica, histórica da luta bem pouco né, num divulga muito isso né, um ou outro.

Entrevistador: Mas você acha a influência positiva ou negativa?

Professor: Pensando assim, no histórico e filosofia da luta é negativa né, porque o M.M.A. é mais mídia né.

Entrevistador: Então, como você percebe a questão da violência no ensino de lutas na Ed. Física Escolar?

Professor: Como eu não tenho muita prática eu não consigo falar pra você, se lá na luta vai, se vai gerar violência ou não.

Entrevistador: Você consegue avaliar se, com a implementação do currículo, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professor: Já é um início né, ainda tem que melhorar, mas já aborda o tema, sai um pouco dos esportes mais conhecidos né, mais divulgados.

Entrevistador: Você acha que teve mais oportunidade então (conteúdo de lutas)?

Professor: É tem, já começa o primeiro passo, só falta um pouquinho mais de preparo, tanto dos profissionais, como da estrutura que oferece pra gente trabalhar.

Entrevistador: Você acha que é mais questão da capacitação dos professores?

Professor: É, eu falo por mim né. Sim, você não teve lutas né. Bem básico, é mais por interesse que eu vejo, pela própria mídia e por vivência que eu vejo aí...

Entrevistador: E como você avalia a aceitação, aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professor: Passei Karatê, é bem pouco viu cara, o interesse é bem baixo.

Entrevistador: Você acha que é pouco interesse?

Professor: Eu acho que é pouco, eu percebi num sei.

Entrevistador: A questão da aprendizagem?

Professor: Ah, aprender até que aprende, você fica cobrando, mas assim, se vai se significativo pra ele, se ele vai daqui uns anos se lembrar do que foi abordado, já num sei...

Entrevistador: Mas em sua opinião foi válido o que teve de conteúdo de lutas?

Professor: Como eu falei, já é um início, já ouviu falar sobre o esporte, mas a essência da luta assim acho bem básico.

Entrevistador: Foi pouco o material pra aprofundar?

Professor: É pra, pra aprofundar, pra eles terem mais vivência. É só quem (aluno/a) já teve a própria vivência que tem mais interesse, quem num teve não se interessa nem um pouco.

## **ENTREVISTA 6 – PROFESSOR CHPL “F”**

Entrevistador: Qual sua formação acadêmica e em que época?

Professor: Eu tenho formação em licenciatura em Ed. Física pela UNESP de Bauru, da turma de 99.

Entrevistador: Você fez alguma especialização ou curso de formação continuada?

Professor: Fiz especialização em Fisiologia do Exercício, cumpri todos os créditos menos o trabalho de formatura.

Entrevistador: Mas foi pela UNESP também?

Professor: Não, foi na FACOL.

Entrevistador: Você possui histórico pessoal de prática em alguma modalidade de luta?

Professor: Em Capoeira.

Entrevistador: Quanto tempo?

Professor: Eu pratico Capoeira desde 82 e ensino desde 2004.

Entrevistador: Mas alguma modalidade você chegou a praticar?

Professor: Não, só a Capoeira.

Entrevistador: Durante sua graduação ou formação continuada, você estudou o tema "Lutas"? Quais modalidades/disciplinas?

Professor: Eu tive Capoeira... Aliás, Karatê e na formação continuada eu tive Judô.

Entrevistador: Você só teve Karatê na faculdade, não teve Capoeira?

Professor: Não, não teve porque a Capoeira foi incluída no currículo da UNESP quando houve a reforma em... Essa reforma foi concluída no ano que eu estava saindo, e aí a partir do ano seguinte começou Capoeira.

Entrevistador: Como você avalia estas disciplinas/modalidades?

Professor: Ah eu acho que ela contribuiu pra ampliar a visão de Luta, mas assim, uma única disciplina com a quantidade de créditos, os 4 créditos, o volume de hora/aula muito baixo pra se ter uma noção mais aprofundada das lutas em geral.

Entrevistador: Foi um semestre só?

Professor: Foi um semestre só.

Entrevistador: Você acha que ela te preparou para ensinar lutas na escola?

Professor: Não, pra ensinar Karatê propriamente dito não, mas pra ensinar algumas noções do Karatê, e assim, noções bem básicas.

Entrevistador: E o que você acha que faltou então, para que você possa ter um suporte maior dentro dessa formação no conteúdo de lutas, para poder trabalhar isso na escola?

Professor: Eu acho que faltou do ponto de vista prático, a possibilidade de trabalhar um volume maior de movimentos e, do ponto de vista sócio histórico, da construção do próprio Karatê, um aprofundamento maior, porque as lutas em geral, elas se constroem em termos de movimento a partir de uma... de uma realidade histórica, social, geográfica e cultural, quer dizer então, a luta acaba se construindo, constituindo qualquer que seja ela como uma cultura própria, e ao ser uma cultura própria é complicado você num prazo tão curto, tão pouco tempo... construir algo.

Entrevistador: Você identifica outras fontes de informação que contribuíram para o seu conhecimento sobre lutas?

Professor: Sim! Inclusive alunos.

Entrevistador: Alunos?

Professor: É o ano passado na disciplina de Karatê pras sétimas... Ah não, na disciplina de Ed. Física do conteúdo de Karatê pras sétimas séries é... a escola tem alguns alunos que praticam o Karatê, inclusive um falou que esse ano tá, fez o exame pra faixa marrom, então assim, esses alunos foram essenciais, a humildade do professor no sentido de não desejar ser o sabe tudo e procurar ajuda dos alunos que conhecem a "Luta", especialmente na perspectiva do... da prática corporal propriamente dita, do movimento, contribui bastante e, acaba por enriquecer o conteúdo da aula.

Entrevistador: Então você trabalha o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física?

Professor: Sim, o conteúdo de lutas tanto numa perspectiva geral, aquela questão de perceber que a luta também é conquista pelo espaço, também é conquista pela manutenção do equilíbrio, dentro desses aspectos mais genéricos da luta. E também na escola eu mantenho uma turma de ACD de Capoeira, e essa turma tem um desenvolvimento bem razoável porque são 3 aulas semanais.

Entrevistador: Então você consegue sair da sala com o conteúdo de lutas? Não apenas no caderno, como é comum com a maioria dos professores, você conseguiu ir para a quadra com eles para passar o conteúdo de lutas?

Professor: Ir pra quadra, fazer movimentação de luta, no caso do Karatê, o treino dos movimentos específicos, evidentemente movimentos bem básicos do Karatê, é trabalhar um *Kata* (Formas), o *Heian Shodan*, o *Kata* inicial, e a questão da luta, o *Kumitê* (Combate real) propriamente dito, fica um pouco complicado por conta da compressão dos próprios alunos, de como que isso pode se processar, mas com tranquilidade, com calma, com um pouquinho mais de paciência inclusive consiga trabalhar o *Kumitê*.

Entrevistador: Mas se o currículo não pedisse pessoalmente você trabalharia o conteúdo de lutas?

Professor: No sentido mais amplo, eu acho que seria difícil fazer, é no sentido da Capoeira por uma questão de identidade, e aí não há como ser hipócrita, a identidade com uma manifestação esportiva seja ela qual for, inclusive muitos professores de Ed. Física trabalham na questão do Futebol com mais intensidade, outros o Vôlei, outros o Basquete, em função da sua identificação, certamente eu trabalharia Capoeira com um afinco maior, em vista dessa própria identidade com a luta e com a manifestação cultural.

Entrevistador: Mas você só trabalharia a Capoeira como conteúdo de lutas ou introduziria outras modalidades?

Professor: Eu não tenho certeza disso, é uma... porque assim, a gente fica fazendo discussão na base da culturologia e, eu acredito que eu teria mais dificuldades de trabalhar outras lutas, e que a Capoeira eu teria uma facilidade muito maior, portanto eu teria uma predileção por ela.

Entrevistador: Quais facilidades e dificuldades você encontra para trabalhar o conteúdo lutas em sua escola?

Professor: Olha, a gente vai encontrar uma infinidade de dificuldades, a primeira é com relação ao ethos cultural desse momento, a gente passa por um momento onde há uma construção de uma identidade muito consumista, muito imediatista. E as lutas em geral, eu trabalho com a produção de uma personalidade e de uma individualidade que se constrói num prazo mais longo, não é uma relação de consumo, esse é um aspecto de dificuldade que eu acho muito preponderante, é... mas essa também é a função do professor, apresentar uma outra perspectiva pro aluno. E existem outras dificuldades que são inerentes a própria estrutura escolar, os ambientes de aprendizagem nem sempre são adequados, às vezes pelo excesso de alunos, às vezes pela inconformidade do próprio espaço físico de não permitir um ambiente de concentração maior ou um... que propicie a concentração do aluno a uma infinidade de aspectos que chamem a atenção dele. Como aspecto facilitador eu acho que a novidade, tudo que se apresenta como novidade pro aluno acaba chamando a atenção, e aí da mesma forma como é uma facilidade, é uma dificuldade porque chama a atenção num primeiro momento, mas como é algo muito novo, se o aluno não tem uma vivência de luta, a não compreensão inicial pode gerar uma... um desestímulo. Ah começou a conversa na sala, aquela discussão, aí vamos para a quadra, vamos viver algum movimento, depois de algum tempo de prática pode gerar a seguinte situação: "Pô mas já aprendi, era só isso?". E na verdade a gente que tem uma vivência de luta sabe que, saber um movimento não significa saber aplica-lo, e você saber aplicar uma rasteira, tecnicamente né, não significa conseguir fazer-la quando ela solicitada... numa luta por exemplo.

Entrevistador: Para o ensino de conteúdo de lutas proposto pelo currículo são sugeridas algumas modalidades, por exemplo Judô, Karatê, Boxe, Esgrima disponibilizado pelo material de apoio didático "Caderno do Professor" e "Caderno do Aluno", em que medida você acha que tem contribuído para o planejamento e desenvolvimento das aulas, os materiais?

Professor: Todo conteúdo, que assim, os cadernos eles foram construídos numa perspectiva de que todos os alunos de todo Estado são absolutamente iguais. Eu vejo uma necessidade de haver uma interação grande entre a disciplina de Ed. Física e as outras disciplinas, por exemplo no conteúdo de Capoeira da pra trabalhar, por exemplo em história os aspectos que envolvem essas mentes libertárias como Mandela, Gandhi, isso pode alargar em muito a perspectiva do aluno. Mas a dificuldade nisso, a dificuldade de não conseguir encontrar os outros professores dentro do espaço da escola em função de uma carga horária exagerada pra todos professores junto com os alunos, e uma carga muito diminuída pra preparação de aula e pra reuniões coletivas. Então é importante que se trabalhe essa relação, o conteúdo, o movimento como ele se insere na cultura, como ele se insere dentro do espaço geográfico, como ele se insere dentro do espaço temporal, como que outros rudimentos das ciências que são apresentados pro aluno podem interferir nesse conteúdo de luta, como no caso da Capoeira que utiliza muito movimento circular, então aquela compreensão de torque, que é uma grandeza física trabalhada, a questão da força que se coloca de uma maneira mais geral. A própria questão da objetividade né, se fazer uma comparação entre Karatê e Capoeira, Karatê é sempre movimentos diretos, retos, e a Capoeira sempre buscando os movimentos circulares, então onde que é que tá a eficiência? Quer dizer qual é mais eficiente, é um ou outro? Na verdade essa é uma discussão filosófica que não vai chegar a um resultado, mas essa discussão em si amplia as possibilidades... a perspectiva própria do aluno. Mas você acha que de alguma forma com introdução do currículo, do "Caderno do Aluno" ou "Caderno do Professor", teve alguma melhora em relação conteúdo

de lutas chegar à escola? A melhora no sentido de propor, eu acho que a proposição dos conteúdos ela é fantástica, mas a proposição dos conteúdos não significa que o conteúdo é trabalhado de uma maneira adequada, justamente por essa questão do aluno não ser o mesmo em todos lugares.

Entrevistador: Você acha que o fato de você ter sido praticante de lutas é uma vantagem para você dar aulas de lutas? Por quê?

Professor: Eu tenho certeza que sim, porque assim, quem não é praticante de luta por exemplo, pode enxergar a luta como uma... a prática da luta como uma violência, essa é uma questão filosófica, é pessoal também, então quando trabalhado de maneira adequada, a luta não se coloca enquanto violência, mas ela se coloca enquanto a negação dela. A prática... ter praticado uma luta faz com que o professor tenha essa perspectiva, os novos em geral por exemplo, acreditam que as lutas são capazes de promover a disciplina do aluno né, isso tá no discurso, tá no senso comum, é... isso é verdade? Isso é verdade! Até que ponto, sempre? Não, é quando a atividade de luta é encaminhada de maneira adequada, quer dizer, a condução do processo ela é capaz de determinar se esse disciplinamento vai acontecer ou não, agora que disciplinamento a gente deseja? É o disciplinamento do corpo pra ser obediente ou disciplinamento do corpo pra buscar o que é melhor pra si, pra buscar sua autonomia. Essa é uma discussão que certamente foge da pergunta feita, mas o que eu estou tentando dizer é que ter praticado me deu uma perspectiva com relação a luta, que quem não praticou, o professor que não praticou não a tem, isso é um facilitador.

Entrevistador: Para você qual a influência das mídias em relação ao ensino de lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Horrível, horrível, porque assim, as lutas em geral elas tem um viés de tradição muito grande, quer dizer, isso pra todas elas, o boxe enquanto uma luta ocidental, a Capoeira nossa luta brasileira tem um viés tradicional muito pesado, muito forte, pesado no sentido de “força” não no sentido é... As lutas orientais todas, são extremamente antigas e guardiãs de uma tradição muito importante. A partir do momento em que hoje né, pegando a nossa realidade, essa junção de um monte de lutas no UFC por exemplo, coloca que perspectiva? Quer dizer é a competição pela competição, a vitória pela vitória, o importante é você ser o vencedor, é ser o campeão, o que corrobora com a ideia dessa sociedade que a gente vive né, a exacerbação da competição etc. e tal. E em certa medida determinados valores que as lutas em geral passam podem se perder no meio do caminho, as questões que envolvem os conceitos de honra no caso das lutas orientais, no caso da Capoeira o sentido da liberdade, quer dizer, a liberdade que eu busco na Capoeira não é a liberdade de dominar o outro, mas a liberdade que eu possa garantir pra mim e pra ele também né.

Entrevistador: E a questão da violência, como você percebe a relação com o ensino das lutas na Ed. Física escolar?

Professor: Olha eu não percebo violência no ensino, porque assim, na minha escola temos 3 professores que dão conta das 36 salas que a escola comporta, então nós temos 72 aulas de Educação Física mais os projetos de AACD e dentre os professores que tem o conteúdo de lutas, eu sou o único que tem uma prática e por coincidência onde aparece os conteúdos de lutas, quem é docente da disciplina sou eu, então eu não consigo... e eu trabalho somente em escola, então não consigo perceber.

Entrevistador: Mas na perspectiva dos alunos, como você acha que eles veem quando tem o conteúdo de lutas? Eles enxergam a violência?

Professor: Eu acho que eles conseguem perceber a partir da dinâmica do trabalho de que a luta ela tem um objetivo, a autodefesa, a defesa de um terceiro, então num tem a

perspectiva no sentido da violência como ela é compreendida nessa sociedade nossa, o mais forte tentando dominar o mais fraco ou alguém querendo convencer, obrigar alguém a fazer o que não deseja. Então não vejo uma relação com violência, mas uma relação, uma prática de luta que inclusive nega essa violência, que busca garantir é... uma formação mais integral.

Entrevistador: E você consegue avaliar se, com a implementação do currículo, houve ou não progressos, na rede pública estadual com relação ao ensino de lutas?

Professor: Não, eu não consigo avaliar, porque o que eu acredito que aconteça, se bem que eu não possa testemunhar isso de uma maneira muito direta que, aqueles professores que não tem uma relação muito direta com a luta, e que não desejam ensinar ou que não se sentem aptos a ensinar luta no ambiente escolar, eles não o façam, porque assim, a despeito de estar presente no currículo, isso não faz com que necessariamente o professor encaminhe esse conteúdo. O que eu acho também em certa medida positivo, positivo e parece ser contraditório isso, o que eu acho que é negativo dentro dos ambientes escolares é a ausência dos professores poderem, planejarem suas aulas de maneira mais adequada, terem a possibilidade do encontro com os professores de outras disciplinas, trabalharem de maneira coletiva esses conteúdos, um contribuindo com os conhecimentos da sua disciplina com o outro né, isso seria uma situação ideal, contudo a gente tem o tempo pra essa reunião entre professores, um tempo menor do que 10% da carga horária de cada um deles.

Entrevistador: Eu iria levantar essa questão agora, e o que você acha que está faltando para melhorar a implementação do ensino de lutas no currículo das escolas estaduais?

Professor: Eu, eu acho que faltou mais algumas coisas, falta uma formação continuada que trabalhe com Lutas, acho que isso é importante, o processo de formação inicial também é importante que se tenha a formação em Lutas na formação inicial do professor de Educação Física, mas é importante que haja essa continuidade, vivências práticas, e isso não pode ficar na dependência somente da vontade ou do desejo do professor, isso deveria ser algo que também fosse uma política da Secretaria da Educação. Evidentemente isso não se coloca somente pras Lutas, mas pra Ginástica Geral, pra práticas que são mais específicas como Ginástica Artística, GRD, são conteúdos que estão dentro da grade curricular ali que não são trabalhados e soma-se a isso a necessidade de promover essa tal interdisciplinaridade que é colocada, mas que as condições de trabalho não propiciam essa prática, essa vivência.

Entrevistador: E como você avalia a aceitação, aprendizagem e a relação dos alunos com as lutas?

Professor: Eu acho que assim, uma parcela dos alunos acabam gostando, inclusive se sentem estimulados a partir da identidade da luta com a prática, outros acabam por não se identificar com essas práticas de luta, o que também não é negativo porque eu acho que a função da Educação Física escolar talvez seja justamente essa, promover um leque enorme de opções, de manifestações corporais pra que o aluno possa eleger aquele que... aquela né, que ele mais goste, que mais se adapta, que mais tem haver com o seu "eu" e adotar como sua prática pessoal.